



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

**MACIONI BENJAMIN DO CARMO**

**A LINGUAGEM MIDIÁTICA NO ENSINO DA LITERATURA ATRAVÉS DA MÚSICA**

**MACAPÁ-AP  
2012**

MACIONI BENJAMIN DO CARMO

A LINGUAGEM MIDIÁTICA NO ENSINO DA LITERATURA ATRAVÉS DA MÚSICA

Monografia apresentada ao Curso de Mídias na educação, como requisito final para obtenção de título de especialização, pela Universidade Federal do Amapá.

Orientadora: Professora Geyza D'Ávila.

MACAPÁ-AP  
2012

MACIONI BENJAMIN DO CARMO

A LINGUAGEM MIDIÁTICA NO ENSINO DA LITERATURA ATRAVÉS DA MÚSICA

Banca examinadora

---

Eliana do Socorro Brito Paixão

Mestra – Unifap

---

Inajara Amanda Fonseca Viana

Especialista – Unifap

Defesa em: 24/ 11 / 2012

Conceito obtido: 9,6

MACAPÁ – AP  
2012

## DEDICATÓRIA

Aos meus maiores estímulos de vida, meus filhos Gabriel e César (“presenças-presentes”) e Clarisse de Cássia, “presença-ausente”, que se fazem a razão de minha sempre caminhada.

A meu esposo que sempre compreende minhas ausências nestes momentos de introspecção pela busca de conhecimentos.

Oh, pedaço de mim

Oh, metade arrancada de mim

Leva o vulto teu

Que a saudade é o revés de um parto

A saudade é arrumar o quarto

Do filho que já morreu.

(Chico Buarque de Holanda)

## **AGRADECIMENTOS**

À família que sempre compreende as ausências e que se faz sempre o ponto de partida para o galgar de nossos sonhos; aos tutores e orientadores, não todos, mas àqueles que souberam se mostrar presentes e dispostos a auxiliar sem medidas; à Geyza D'Ávila, orientadora desta empreitada e Zenaide Anacleto, facilitadora das bibliografias.

Ai que prazer  
Não cumprir um dever,  
Ter um livro pra ler e não o fazer!  
Ler é maçada.  
Estudar é nada.  
O sol doira sem literatura.  
O rio corre, bem ou mal,  
Sem edição original.

(Fernando Pessoa)

## RESUMO

Esta monografia traz como tema A linguagem midiática no ensino da Literatura através da música, objetiva verificar se em suas práticas pedagógicas os professores utilizam a música como recurso midiático para se trabalhar a disciplina Literatura. Considerando-se que a partir do contato com as artes, entre elas a literária, o indivíduo se municia de mecanismos que o subsidiarão para as práticas intelectivas, como produção, interpretação e domínio da oralidade, Faz-se pertinente que novas possibilidades de ensino sejam integradas ao contexto de sala de aula, no intento de qualificar as ações de aprendizagem. Para o desenvolvimento deste projeto, inicialmente fora feito um levantamento teórico descrevendo concepções que versassem sobre a literatura, a música e a colaboração midiática neste sentido. A bibliografia levantada serviu de sustentação para a pesquisa qualiquantitativa, que descreveu a metodologia de alguns professores de literatura, no tocante a práticas mais aprazíveis e mais integradas ao contexto social atual. O cenário de pesquisa foi a escola Estadual Elizabeth Picanço Esteves, município de Santana, no segundo semestre de 2011. Participaram noventa e cinco alunos, de três turmas do Ensino Médio três professoras das respectivas turmas. Também foi realizada uma mini palestra que visou dar sustentação à proposta temática desta monografia. O trabalho proporcionou maior conhecimento da práxis educacional fazendo enxergar pelos olhos dos discentes e reflexão dos docentes participantes da observação, palestra e aplicação de questionário, contribuindo assim não apenas à investigação, mas principalmente à comprovação de que o resgate e aceitação da disciplina literatura podem ser alcançados se os olhos se voltarem para as possibilidades que se mostram à nossa volta.

Palavra-chave: mídias-música-literatura

## ABSTRACT

This monograph brings the theme The media language teaching literature through music, objective check on their pedagogical practices teachers use music as a media resource for working discipline Literature. Considering that from the contact with the arts, including the literary, the individual Munichia mechanisms to subsidize the intellectual practices, such as production, interpretation, and field of orality, It is pertinent that new possibilities for teaching are integrated into the context of the classroom, in an attempt to qualify the actions of learning. To develop this project, initially out a survey describing theoretical concepts that versassem about literature, music and media collaboration in this regard. The bibliography served as support for the qualitative and quantitative research, which described the methodology of some teachers of literature with regard to practices more pleasant and more integrated into the current social context. The research scenario was school Picanço Elizabeth Esteves State, municipality of Santana in the second half of 2011. Participants ninety-five students from three classes of high school three teachers of the respective classes. We also performed a mini lecture which was intended to give support to the proposal subject of this monograph. The work provided greater knowledge of educational praxis doing seeing through the eyes of students and teachers participating reflection of the observation, lecture and questionnaires, thus contributing not only to research, but mainly verifying that the redemption and acceptance of discipline literature can be achieved if the eyes turn to show the possibilities around us.

Keyword: media-music-literature

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTO TEÓRICO</b> .....	12
1.1 – O que se entende por Literatura.....	12
1.2 – O professor como mediador do ensino na Literatura.....	16
1.3 – A música e sua função pedagógica: há importância para a formação do leitor?.....	18
1.4 – A música na educação brasileira.....	20
1.5 – Tecnologias a serviço da educação.....	23
1.6 – A música ensinando Literatura.....	25
<b>CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	27
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	35
3.1 – Questionário direcionado aos alunos.....	35
3.2 – Questionário realizado com os professores.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53
<b>APÊNDICE</b> .....	55
<b>ANEXOS</b> .....	60

## INTRODUÇÃO

Literatura é recriação da realidade, é arte [...] de uma transformação simbólica do mundo. Quer dizer: o artista cria um outro – mais bonito, mais intenso ou mais significativo ou mais ordenado – por cima da realidade imediata.

(Ferreira Gullar)

Ao estudar a disciplina Literatura objetiva-se possibilitar experiências de leituras para descobrir, com base em textos, elementos que abordem a produção literária nas suas relações comunicativas, estéticas e contextuais. Busca-se assim, o diálogo e interação entre literaturas, autores de diferentes épocas, artes, entre linguagens e textos, enfim, entre textos nas suas amplas formas.

Entretanto, o ensino desta disciplina há muito se tem tornado uma prática sem grandes surpresas e pouco atrativa à clientela escolar, pois o fazer de sala de aula não comunica bem com o que vem ser a sua real proposta. Assim o resultado é um aluno que apenas capta o que lhe é transmitido, não participando da construção e nem vendo sentido no processo de ensino-aprendizagem construído.

Sabe-se que há profissionais comprometidos com o “fazer bem” e estes estão sempre se renovando no tocante às estratégias de apoio ao aprendizado. Também se sabe que em grande maioria, o que é comum ainda é encontrar instituições de ensino, onde a disciplina é trabalhada de forma estanque, fragmentada, sem relação social e tampouco ligada à realidade do aluno.

Desse modo, as instituições de ensino tendem a moldar o aluno no sentido deste não questionar ou indagar o que os textos literários podem agregar à sua natureza, pois se deve sempre abonar sentido ao que se aplica para conseguir resultados, ou seja, é preciso propor algo ao sujeito que lhe seja útil, que lhe dê gana de conquista. Doutra feita, o educando passa a ser um sujeito passivo, não dispendo de um espaço para as múltiplas interpretações e diversos significados que a literatura é capaz de lhe oferecer, seja através do texto como criação, interpretação ou ainda, como puro deleite e entretenimento.

Pelo mencionado, faz-se a leitura da prática do ensino da referida disciplina como estagnada, onde os docentes não levam em consideração a natureza, a importância do resgate da leitura literária e o efeito que ela pode causar ao indivíduo

leitor/construtor. O que poderia ser significativo e satisfatório para a vida do aluno, torna-se algo pelo que se tem total repulsa, pois o conteúdo já vem imposto pelo sistema e determinado pelos professores, cabendo a ele, apenas ter que apreender para que então, na visão do educador, esteja-se aprendendo literatura. Porém, reforçado por Martins:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos e semânticos' (MARTINS, 2004, p. 56).

Pelos motivos descritos, propõem-se a indagação primária sobre “o que é a linguagem musical e no que pode contribuir para a qualidade de ensino?” Assim é que neste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa de campo intuindo verificar se há a inserção da música como ferramenta de apoio as aulas e, a partir da constatação, propor a possibilidade do uso como recurso midiático atual para contribuir como proposta de ensino da Literatura. Acredita-se que esta relação possa vir fomentar a formação de leitores críticos e questionadores capazes de aproveitar o que a disciplina tem a lhes propor para a construção do conhecimento.

A pesquisa realizada foi participante e aconteceu em uma escola do município de Santana, onde, também ocorreu uma palestra, com o título “Cantando a literatura”, cujo intento foi o de apresentar outra possibilidade de conceber os conteúdos. A palestra foi organizada e ministrada por dois professores de Língua Portuguesa e Literatura que se dispuseram a colaborar com este trabalho. Os demais participantes foram 30 alunos do 3º ano do Ensino Médio.

Aos alunos participantes da palestra foi entregue previamente um questionário com perguntas diversas que envolvem o ensino da disciplina Literatura, também se questionou sobre cultura e situação socioeconômica deles. Isto, por se acreditar que os fatores mencionados sejam relevantes para se compreender algumas habilidades ou comportamentos desenvolvidos pelos indivíduos aqui analisados.

Durante a execução da palestra, num primeiro instante, utilizou-se uma metodologia que proporcionasse ao educando a análise de textos contemplando as escolas literárias. A proposta foi a de promover momentos de discussão e interação entre o autor, o texto e ele enquanto leitor; tendo como ponto de partida suas experiências de mundo e de leituras. No segundo momento foram apresentadas aos alunos as mesmas questões, com o diferencial de agora serem elucidadas com o auxílio de músicas temáticas.

Vários estudiosos contribuíram com suas teorias na construção do embasamento teórico desta pesquisa, dentre eles temos: Zilberman, Lajolo, Proença, Silva, Martins, entre outros.

Contou-se também com conceitos de literatura, sob a visão de alunos e professores da área, discutindo-se a “Leitura da literatura e o uso da música” como mediadora da prática escolar.

## **CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTO TEÓRICO**

O estudo da literatura poderia ser justificado por sua habilidade para ajudar os alunos a compreenderem a si próprios, sua comunidade e seu mundo mais profundamente.

(Martins)

### **1.1 O QUE SE ENTENDE POR LITERATURA?**

Segundo Lajolo (2001, p.29), a palavra literatura vem do latim "*litteris*" que significa "letras". Em latim, literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética. Por extensão, se refere especificamente à arte ou ofício de escrever de forma artística.

Pound (2006, p.32) coloca que Literatura é linguagem carregada de significado e não tem sua existência num vácuo. Os escritores, como tais, têm uma função social definida, exatamente proporcional à sua competência como escritores.

Hoje o termo Literatura também é usado como referência a um corpo ou um conjunto escolhido de textos como, por exemplo, literatura médica, a inglesa, literatura portuguesa, a japonesa e outros.

Ao longo do tempo muito se discutiu sobre a concepção de literatura e várias conceituações foram formuladas e cada época fundamenta-se em uma determinada forma de conhecimento: da vida, da arte, da palavra, dos valores do mundo e da condição humana.

Segundo Nascimento (2006, p.136), dizer que a literatura é a expressão mais completa do homem, que é a arte da palavra, ou que é o conjunto das grandes obras, notáveis por sua forma ou expressão literária, completa; mas não finaliza a conceituação do termo, nem sacia plenamente a indagação: o que se entende por literatura?

Para Lajolo (2001, p.35), “A literatura pode ser entendida como situação especial de uso de linguagem que, por meio de diferentes recursos, sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança entre o ser e o nome e, no limite, a irredutibilidade e a permeabilidade de cada ser.”

Com base nessa descrição, pode-se ter a ideia de literatura como um termômetro entre a linguagem que determinado ser utiliza e o entendimento que esse terá a partir das leituras, pois, ele pode através de um recurso que dispõe, expor sua capacidade de compreensão. Não sendo essa, necessariamente satisfatória a todos que a ela tiverem acesso; já que, a literatura tem marcas fortes dentro do contexto histórico, social e cultural, o que permite omitir e emitir tudo aquilo que acontece com cada indivíduo dentro do meio que está inserido ou convive.

Nesse contexto, é enfatizado por Lajolo (2001, p.29) que a forma latina *litteratura*, por sua vez, deriva-se de outra palavra igualmente latina: *littera*, que significa letra, isto é, sinal gráfico que representa, por escrito, um som da fala. O parentesco letra/literatura prossegue e cria elos no português em expressões como curso de letras, academias de letras e belas-artes. Já se delineando aí uma relação estreita entre literatura e escrita.

Roberto Cereja (2005, p. 14) focaliza para o trabalho com a citada disciplina, a necessidade de se atingir alguns objetivos: “a continuidade de aquisição de habilidades de leitura de textos; o conhecimento da língua padrão e de suas capacidades expressivas e artísticas (...) cultivo do hábito de leitura”.

Partindo dessa ênfase, a leitura do texto literário deve ser analisada a partir da questão sociocultural. Com esse direcionamento é pertinente salientar que a Literatura não somente denuncia as mazelas de uma sociedade, mas também incita o ser humano a perceber as ideias e os modos de dominação social e o desejo de agir no contexto no qual ele se insere.

Dentro das possíveis definições dadas à literatura, tem-se que considerar a de Coelho (1972, p.42), quando diz:

Literatura é um sistema de signos, como ser vivo é organizado em células, vísceras e funções, também a literatura possui um corpo que é a matéria verbal. Os signos se organizam em frases, discursos, ritmos, imagens, melodias, estrofes, capítulos, períodos etc. a tensão e espessura verbal correspondem a esse amálgama de signos e funções. O espírito que lhe dá existência real e significação é o escritor. Mas o elemento imprevisível ou hipotético, que dá à obra o seu significado definitivo é o leitor.

Tem-se, portanto, a literatura como uma nova concepção em que se permite construir possíveis sentidos para o texto, estabelecendo, assim, uma relação intrínseca entre autor/texto/leitor. Nesse sentido, percebe-se que a literatura é uma prática peculiar de cada ser.

É relevante também mencionar as variações conceituais de Chiappini (2002, p.21), que a respeito de Literatura esclarece algumas relações:

- 1-A literatura como instituição nacional, como patrimônio cultural.
- 2-A literatura com enfoque às obras, autores e público.
- 3-A literatura como disciplina escolar que se confunde com a história literária.
- 4-Textos consagrados, pela crítica como sendo literários.
- 5-Qualquer texto, mesmo não consagrado, com intenção literária, visível num trabalho de linguagem e elaboração individual.

É importante, sobretudo nos primeiros anos de contato com os textos, exercitar a leitura e a escrita, para que a reflexão teórica e histórica sobre tais textos se dê a partir de uma vivência e do processo que os gera: o trabalho criativo com a linguagem e a prática da expressão livre.

Muitas são as experiências nesse sentido por parte dos educadores da pedagogia Freinet<sup>1</sup>. Eles têm não só transformado a prática da leitura e da escrita em sala de aula, como teorizado sobre e a partir dessa prática.

Trata-se de uma utilização da literatura, fundamentalmente na ideia 5, isto é, como trabalho com a linguagem. A partir dela, o ensino da língua e da literatura, integradas numa mesma prática, faz-se possível já na altura da alfabetização ou mesmo antes dela, pelo gosto de contar e ouvir histórias, pela brincadeira com as letras e os sons, pela invenção oral e livre do texto, que vem do prazer, da inventividade ou da necessidade de comunicação.

Essa concepção mais ampla da literatura nos leva a pensar nas possibilidades de uma educação diferente daquela que a escola burguesa propõe. Nessa concepção crítica e transformadora do modelo de sociedade que a sustenta, supõe-se, outra compreensão da linguagem e da própria língua, que transcenda àquela tradicionalmente dominante na escola; de instrumento cujo domínio técnico asseguraria a comunicação escrita ou falada.

As aceções da autora sobre o estudo da leitura e literatura, como vimos anteriormente, tem relações estreitas, pois abordam de forma específica, o que realmente é trabalhado nas escolas e como ela é vista dentro da instituição educacional.

Por outro lado, ela destaca a pedagogia de Freinet, a qual se importa não só com a leitura literária, mas sim com o texto no geral. Para os educadores dessa linha, a leitura, desde a alfabetização, já dá abertura para a livre criação. Para tanto, faz-se necessário que o educador tenha material acessível e condizente com a realidade atual, pois de nada adiantaria e avançaria no campo educacional criar metodologias para essa prática, se as condições básicas necessárias não estão ao alcance de todos os discentes ou, quando estão no cotidiano social do aluno, na escola são ignoradas pelo professor.

Vale ressaltar, ainda, a diferença que ela enfatiza entre a educação da “escola burguesa” e a que é aplicada nas escolas públicas, pois esta linha

---

<sup>1</sup> **CÉLESTIN** Freinet achava que a escola devia ser aberta à vida, ao meio humano, meio social e acabar com as antigas relações entre mestre e aluno. O educador francês desenvolveu atividades hoje comuns, como as aulas-passeio e jornal de classe, e criou um projeto de escola moderna e democrática.

pedagógica busca ultrapassar aquela já batida e monótona metodologia aplicada há tempos nas escolas, buscando transformar a ideia de que a leitura trará somente o ato correto de falar e escrever.

Outros conceitos pertinentes, levantado por Proença (2004, p.33-34) é que literatura é a expressão mais completa do homem, ou que literatura é a arte da palavra, não esgotando a conceituação do termo, que tem vivido variações significativas ao longo da história. Percebe-se então que a literatura envolve a produção intelectual e a arte, logo, valores espirituais e estéticos, vinculados a uma determinada visão de mundo.

Este autor ainda enfoca que a literatura se dirige diretamente aos sentidos e atinge a consciência por uma cadeia de associações afetivas. Por outro lado, dirige-se ao entendimento, segundo um código arbitrário que é necessário conhecer-se para compreender e para receber verdadeiramente a mensagem.

Nesse sentido, a Literatura é criação e se abre plenamente à inventividade de quem a constrói. Em seu percurso, consiste a inversão constante de novos meios da expressão ou mesmo na utilização de recursos vigentes à época.

Para Proença (2004), a literatura é então ânsia de imortalidade, um ato onde o indivíduo mostra toda sua magnitude, seus conhecimentos intelectual e artístico, pois, através da palavra, ele expõe seus valores espirituais e estéticos de acordo com seu pensamento ou forma de ver o mundo. Portanto, para um ser criar, produzir um sentido, faz-se necessário que ele nunca esteja isolado e/ou afastado dos segmentos que lhe rodeiam. Dessa maneira, o homem não pode separar a estética e a intelectualidade e sociedade, visto que tudo pode ser usado para se gerar sentidos.

Em síntese, a literatura traz a marca de uma “variabilidade” específica, seja no âmbito dos discursos individuais, seja no âmbito de representatividade cultural ou mesmo individual.

## 1.2 – O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO ENSINO DA LITERATURA

Não consigo entender para que estudar tanto a vida de escritores. É uma matéria desnecessária, pois já aprendo uma porção de coisas de história nas aulas de História.

Juliano A.S. Aluno participante da pesquisa.

Frases como as supracitadas são comuns no dia a dia do professor de Literatura. Até aí tudo bem, mas o professor achar isto normal chega a ser um caso a ser analisado, pois se o próprio profissional não refletir sobre os percalços de sua área de atuação e fizer melhor compreender seus objetivos, neste caso não há avanços positivos.

Acerca desta ideia, Martins, (2006, p. 98-99), afirma “é tarefa do professor, procurar novas maneiras de incentivar o estudo da Literatura, fugindo das normas padrões do livro didático”.

Desta maneira, vê-se que pensar a educação em tempos modernos é pensar reflexivamente acerca de todo um processo de adaptação pelo qual passa o ensino, que vai desde o macro até o micro sistema educacional.

Percebe-se toda uma ação de luta por ideias, tidas como inovadoras, as quais cerceiam tanto o modo de ensinar como aquilo que se deve ensinar. A própria postura e papéis assumidos pelos que buscam a educação já se distanciou daquela almejada no passado e, por isso também, espera-se que a postura assumida pelos que fazem educação se renove já que são eles quem sustentam parte significativa do processo e depende deles um novo conceber. A respeito disso discorrem os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do "prazer do texto", etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (1997, p.25)

Em realidade, a busca incessante pela formação de leitores/escritores, às vezes, tem se restringido a um trabalho de mera decodificação simbólica de gêneros e/ou estilos literários, ou quando mais, a uma prática mecanizada cujo interesse visa o ato da leitura e escrita textual, não o seu mérito.

O que se vê comumente é que o trabalho com a literatura não tem alavancado leitores, ao contrário, não há muitos que conheçam o gênero ou quando

o conhecem é superficialmente o que discriminamos como o tão conhecido, ler por ler. Não esquecendo aqui que o cerne do trabalho da disciplina em foco é, primordialmente, a leitura e a escrita.

Hoje esse problema se torna mais latente ainda em função da ação midiática que de longe é mais atraente aos olhos do leitor despreparado. É obvio que a sociedade se faz ubíqua, logo o resgate está mais difícil de acontecer, ou se precisará de malabares por parte dos profissionais da área para competir; quem sabe até fazendo uso dos mesmos meios que tanto atraem aos alunos. A exemplo dessa ideia pode-se refletir sobre Lauriti (2005), quando diz que “é primordial trabalhar a diversidade de gêneros, de tipos textuais e de suportes textuais dos diferentes contextos sociais”.

Espera-se, da escola, uma ação desenvolvida com construção de atividades que proponha a interação texto/leitor/produção/ na construção de uma proposta para a aula de literatura, afim de que o aluno surpreenda-se e se mostre capaz de expandir os saberes assimilados para além dos portões da escola como um hábito de prazer e construção cognitiva. Como escreve Soares (1998, p. 18), “Nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e, sobretudo, levar os indivíduos – crianças e adultos – a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita”.

Em outras palavras, é preciso ensinar literatura dentro daquilo que ela necessita ser ensinada, atentando para a teoria, contexto textual, características, análise de discursos, produção e, principalmente, fomentação de leituras. Enfim, perceber tudo que permeia a disciplina para que então o aluno possa dispor de todas as ferramentas nela contida, mas não se primar por ela como único meio de se formalizar o ensino. Cabe lembrar de que este ensino deve estar em sintonia com as demais formas de comunicação.

### 1.3 – A MÚSICA E SUA FUNÇÃO PEDAGÓGICA: HÁ IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR?

A palavra música vem do grego “*musike techenê*”, em homenagem as nove musas que eram as deusas da inspiração, é a combinação artística de sons, a arte de representação.

Conforme Brescia (2007), na Grécia Clássica, o ensino da música era obrigatório, Pitágoras - filósofo grego da Antiguidade - ensinava como alguns acordes musicais e melodias podiam causar reações no homem. Pitágoras demonstrou que “a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo da cura”. Para os Gregos, a música almejava a purificação da alma do indivíduo era como um instrumento terapêutico.

Concebendo-se quase poeticamente que a música é o que envolve parte de tudo o que realizamos e onde quer que estejamos e como estejamos. Ilustre-se tal pensamento com o que propôs Arnaldo Antunes em “Música para ouvir”:

Música para ouvir no trabalho/ Música para jogar baralho/ Música para arrastar corrente/ Música para subir serpente/ Música (...)/ Música para querer morrer  
Música (...)/ Música para ninar nenê/ Música (...)/ Música para ouvir/ Música para ouvir/ Música para ouvir (1999)

Sabe-se que a linguagem musical faz parte constante da vida do ser humano e isso vem desde antes do nascimento, ao ouvir os muitos sons oferecidos pelos pais que vão desde os “tati bi tati”, até o cantarolar diário. E isto vem ser estendido pela profusão de ritmos que a partir do nascimento somos obrigados a assimilar e distinguir. Logo depois, na escola, os primeiros aprendizados a que somos submetidos virão através da linguagem musical que trabalhará a percepção, memorização, raciocínio e expressões corporais.

Rosa (1990) afirma que a simples atividade de cantar uma música proporciona à criança o treinamento de uma série de aptidões importantes. A musicalização é importante por ser uma atividade lúdica prazerosa e que além de despertar expressões, socializa e remete o indivíduo ao confronto de sua realidade e a de outras, dependendo do gênero musical da época da música.

Cabe pensar ainda que dentro do trabalho pedagógico com a música é possível apresentar um novo repertório que normalmente não pertence à realidade cultural do aluno, e assim oferecer o contato com essa nova cultura, pois lamentavelmente vê-se que o brasileiro explora pouco suas possibilidades musicais sempre importando aquilo que é sabatinado pela moda. Assim pode-se operar sobre

esta ideia para dar sentido àquilo que muitas vezes ele rejeita por falta de oportunidade de contato.

#### 1.4 – A MÚSICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

De acordo com Loureiro (2003), os povos carregam cada um a sua história musical; e a do Brasil iniciou-se com a chegada da ordem religiosa dos jesuítas em 1549. Em meio às lutas originadas pela Reforma Protestante, os jesuítas elegeram a educação como arma que poderia combater a heresia, ao se estabelecerem em terras brasileiras abriram as primeiras escolas. Assim por dois séculos foram os detentores do sistema educacional vigente na Colônia.

A primeira missão dos jesuítas, em solo brasileiro, foi a de catequizar os índios e para isso precisariam de estratégias de controle e aceitação. Com isto tiveram que agir de forma diferente do que era aplicado nas escolas europeias. Entre os recursos utilizados pelos jesuítas cite-se o uso da música, estrategicamente tendo em vista a forte ligação dos indígenas com tal manifestação artística.

Os padres jesuítas também fizeram uso de sons e ritmos produzidos pelos nativos, usando então a música para se comunicar, ensinar e buscar aproximação, uma vez que o indígena sempre usou a música e dança para as vastas atividades, tais como a pesca, os louvores, as comemorações ou cerimoniais fúnebres.

De acordo com Bayer (1994, p.102), os jesuítas “trouxeram aos elementos indígenas um repertório vigente naquela época na Europa, assim educaram os índios para o desempenho musical destes nas missas”; para eles tais manifestações eram como rituais de magia acreditavam que os nativos eram almas perdidas já que não manifestavam a fé; por isso, começaram um intenso trabalho na tentativa de eliminar estes hábitos e aos poucos os jesuítas conseguiram eliminar a música espontânea e natural dos nativos retirando deles uma de suas características mais representativas.

Segundo Leite (*apud* LOUREIRO, 2003, p.44), os jesuítas ensinavam além da gramática e do latim; música e o então canto litúrgico criando para isto uma cartilha denominada Artinha que era usada pelos mestres nas aulas de educação musical, ao mesmo tempo em que esta se processava era realizada a alfabetização.

A música se faz presente também nas escolas e nas festividades desenvolvidas pelos jesuítas, os autos.

Na atuação de José de Anchieta, quando recém-chegado ao Brasil ele viaja por todo o território nacional e vai criando nas aldeias, por onde passou as Escolas de ler, contar e tocar alguns instrumentos. Também escreveu e musicalizou peças teatrais. Daí a construção de uma proximidade entre culturas, do dominador e a do dominado.

Mesmo quando se iniciou um novo modelo de educação moldado pelos padrões da cultura europeia, ainda assim a música sempre esteve presente e usavam o canto para “tocar” os aprendizes e sua fé.

Mas antes dos jesuítas, se pensarmos na cultura geral, a interação literatura-música, tem registro na história literária quando com as cantigas medievais trovadorescas que trouxeram em seu curso primeiro o cantar e somente passos depois é que surge o texto propriamente dito, dissociando o som da letra. Contudo, para provar que ambos caminham lado a lado e em linhas tênues, basta recordar do célebre poema de Camões cujo fragmento diz: “O amor é um fogo que arde sem se ver/ é ferida que dói e não se sente...” e que o mesmo foi décadas depois musicado quase na íntegra pelo saudoso Renato Russo e, por conseguinte, cantado por multidões que sequer conheciam o criador da letra. Daí se depreende todo um legado de relações sociais estabelecidas com a música.

Poesia não é literatura, foi sentenciado pelo ilustre teórico Ezra Pound, ao interpretar que a poesia está muito mais próxima da música que da literatura propriamente dita. Ou seja, há uma relação de maior apego entre as bases de ambas que constroem trazendo uma arte de mais rigor para o som ou para a leitura. Segundo Pound (2006) “se a poesia é mesmo parte da literatura – coisa de que, por vezes, me sinto propenso a duvidar, porque a verdadeira poesia está em relação muito mais estreita com o que de melhor há na música (...) do que com qualquer parte da literatura que não seja poesia”.

Conforme estudos de Gardner (1996) sobre crianças autistas, em que estas se mostram extremamente agitadas e que frequentemente evitam o contato interpessoal e talvez nem falem, ainda assim é reconhecível que possuem capacidades musicais incomuns. Isto talvez, porque tenham escolhido a música como principal canal de expressão e comunicação, ou também porque a música é

tão primariamente hereditária e que precisa de tão pouca estimulação externa, quanto falar ou andar de uma criança.

O estudo, entretanto, intriga os cientistas há séculos acerca do por que o ser humano começou a fazer músicas. Em a “Descendência do Homem”, publicado em 1871, Charles Darwin, pai da teoria da evolução, sustenta que “as notas musicais e os ritmos foram desenvolvidos pela espécie humana com o objetivo de atrair o sexo oposto, assim como fazem pássaros”.

Escreveu Livtin, que “Como ferramenta para ativar pensamentos específicos, a música não é tão boa quanto a linguagem, mas, como ferramenta para suscitar sentimentos e emoções, a música é melhor que a linguagem”.

Não há cultura humana que não tenha produzido músicas. Estudos modernos mostram que os bebês começam a ouvir e a memorizar melodias ainda no útero da mãe. Pequenos, eles preferem músicas que mais são estimulados a ouvir cotidianamente. Na adolescência, o indivíduo escolhe aquela de que vai lembrar e que lhe marcará pelo resto da vida dentro ou fora do grupo escolhido. “Nessa fase a tendência é lembrar-se de coisas com alto componente emocional porque junto os neurotransmissores e a amígdalas cerebral estão trabalhando arduamente para ligar a memória a fatos importantes”, afirma Daniel Livtin (2007).

A educação através das artes proporciona à criança descoberta das linguagens sensitivas e do seu próprio potencial criativo, tornando-a mais capaz de criar, inventar e reinventar o mundo que a circunda. E criatividade é essencial em todas as situações. Uma criança criativa raciocina melhor e até constrói meios capazes de resolver suas próprias dificuldades, bem como desenvolve habilidade de produção textual tão necessária ao desempenho escolar e ao futuro profissional.

No início do século XX, aparecem os métodos ativos de: Declory<sup>2</sup>, Montessori, Dalton e Pakhurst, formando a Nova Escola. Esses pensadores outorgaram a música como um dos principais recursos didáticos para o sistema educacional, reconhecendo o ritmo como um componente promissor para a sistematização do conhecimento.

---

<sup>2</sup> Declory, pedagogo da Escola Nova, os métodos e técnicas didáticas de ensino utilizados, as atividades das crianças, a forma de levar a escola à vida e a vida à escola, as atividades criativas e lúdicas, as saídas ao campo e à cidade, a educação física, artística e musical, os trabalhos manuais, etc.

Como alude Schopenhauer<sup>3</sup> (2001) ao referenciar sobre a música como arte ***a música, por ser independente de toda imagem externa, é capaz de, se não nos apresentar, pelo menos nos aproximar da pura Vontade em seus movimentos próprios; a música é, pois, de certa forma, a própria vontade encarnada.*** (grifo meu).

Essa vontade encarnada como articulada anteriormente se bem assistida em estratégias educacionais remetem a um confronto de prazeres já experienciados por todas as etapas da vida e por isso trazem um jeito diferente de contato com o saber. E na educação esta é a proposta que talvez se espere tanto para que o conhecimento chegue de forma mais suave, porém firme e real.

## 1.5 – TECNOLOGIAS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

Na sociedade contemporânea, as tecnologias fazem parte de praticamente todas as esferas das atividades humanas: o trabalho, o comércio, o lazer, a medicina, o esporte, etc. Assim, a cada dia, aumenta progressivamente o número de tecnologias que são incorporadas ao cotidiano social.

Compreende-se, então, que o teor midiático não é somente a mediação do homem com o mundo e com os outros, mas também a possibilidade de melhor entendimento dele; por isso a relação cada vez mais íntima que se busca ter com tudo o que de novo surge à volta.

Nesse contexto emergente, surgem novas referências culturais, necessitando-se do domínio de códigos diferentes para leitura e da interação com a realidade. Para tanto, são necessários manuseios e compreensão dos diferentes significados dos símbolos, o domínio de diversos tipos de linguagem e o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam a leitura e a participação nesta atual realidade ubíqua.

---

<sup>3</sup> **Arthur Schopenhauer** (Danzig, 22 de fevereiro 1788 — Frankfurt, 21 de setembro 1860) foi um filósofo alemão do século XIX. Seu pensamento sobre o amor é caracterizado por não se encaixar em nenhum dos grandes sistemas de sua época.

Sem dúvida, em meio a toda essa gama de novidades a escola não pode se fechar para as transformações que ocorrem no mundo. Ao contrário, tem ela o papel fundamental de discutir os valores e seus efeitos na sociedade em que está inserida e ignorar ou dar as costas para as tecnologias pode significar a exclusão passiva do indivíduo do mundo do trabalho e da vida social. Nesse sentido, precisamos, segundo Moraes (2006, p. 18)

(...) de uma educação voltada para a humanização, a instrumentalização e a transcendência. Uma proposta educacional centrada na pessoa, que compreenda a importância do pensar crítico e criativo, que seja capaz de integrar as colaborações das inteligências humanas e da inteligência da máquina, no entanto, o homem e/ou a mulher é capaz de transcender e criar.

Neste sentido, um dos grandes desafios da escola com a utilização das novas tecnologias, principalmente, é o desenvolvimento de competências e habilidades, suficientes para o educando transformar informações em conhecimento. Mas para superar essa dificuldade a escola deve trabalhar a construção do conhecimento, instigando na clientela escolar, a iniciativa, a busca por estratégias de resolução de problemas, a autonomia para a busca do conhecimento geral. Segundo Kenski (2006, p. 23):

As novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade.

Claro está, portanto que as tecnologias não substituem o professor, mas que modificam seu papel, isto é incontestável. O educador deve estimular a curiosidade do aluno para ele querer conhecer, pesquisar, buscar a informação mais relevante; para suprir suas carências múltiplas atingindo horizontes que estão cada dia mais próximos, e, paradoxalmente, mais distantes da sociedade geral.

E nisto entra a contrapartida de querer contextualizar os conteúdos trabalhados, adaptando-os à realidade do aluno, para que ele questione os dados encontrados, fazendo com que o processo de aprendizagem seja significativo. Com os múltiplos recursos que o computador oferece como som, imagens, textos, o fazer

prático só precisa então ser adaptado e enriquecido. Assim elucida Antônio Risério, autor do Ensaio sobre o texto poético em contexto digital: Podemos atuar sobre as tecnologias, negociá-las socialmente, ressignificá-las. Diante das tecnologias, não devemos nos comportar passivamente, como se as coisas fossem produzidas em paragens extraterrestres [...] A palavra eletrônica é uma palavra-evento (1998, p.6-7).

O que é preciso é refletir a respeito das práticas sociais advindas da sociedade de consumo e ponderar acerca de como estão ligadas ao cotidiano do cidadão e na linguagem que o inspira.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio destacam essa característica de choque entre linguagens, pois podemos assim falar em linguagens que se confrontam, nas práticas sociais e na história, e fazem com que a circulação de sentidos produza formas sensoriais e cognitivas diferenciadas.

Perceber, pois e aceitar a força dessas trocas linguísticas em multifacetadas linguagens é estar preparado para se atuar em mundo cada dia mais midiático. Como bem afirma Bakhtin, “a arena de luta daqueles que procuram conservar ou transgredir os sentidos acumulados são as trocas linguísticas, relação de força entre interlocutores” (PCNEM, 2000, p. 6).

Em vez de querer competir com a era midiática, deve-se, sobretudo, aconchegá-la como estratégia de inserção no mundo atual. Dar significado àquilo que já lhe faz sentido social e pessoal. Nesse proceder se pode não só atrair os olhares para o conteúdo como ainda esperar que o interesse seja atingido e conseqüentemente a assimilação se opere satisfatória.

## 1.6 – A MÚSICA ENSINANDO LITERATURA

Já diz a sabedoria popular que “Quem canta os seus males espanta”. Se assim o é, então que venham os ritmos e sons e melodias para aprazer o ensino da literatura.

Haja vista a necessidade de o saber se refazer para cumprir interesses, surge a proposta de se renovar estratégias pra buscar atingir o alvo, que é o aluno, oferecendo a ele aquilo que reconhecemos lhe dar prazer.

Neste pensar é que se concebe o associar da música ao ensino da literatura. Uma vez que o suporte midiático se faz emergente e qualquer aluno dispõe deste acesso seja no celular, seja no computador ou os muitos micros espalhados ao seu redor.

Não podemos deixar de reconhecer também a função cultural que a música pode trazer para dentro dos portões da escola. Ou seja, se bem planejado o uso, o professor pode oferecer a este alunado uma seleção da qual ele não conseguiria dispor sozinho. Vale lembrar que “nossa sociedade é pobre” no que diz respeito à cultura musical. Ouve aquilo que faz sucesso, mas o que faz sucesso nem sempre é o que oferece cultura.

Vale lembrar também neste momento o grande filósofo Arthur Schopenhauer, quando ao se referir à Literatura aparente e à Literatura real diz que:

Existem duas literaturas que caminham lado a lado e com muitas diferenças entre si: uma real e outra apenas aparente. A primeira cresce até se tornar uma leitura permanente. Exercida por pessoas que vivem para a ciência ou para a poesia, ela segue o seu caminho com seriedade e tranquilidade, produzindo na Europa pouco menos de uma dúzia de obras por século, que, no entanto, permanecem. A outra, exercida por pessoas que vivem da ciência ou da poesia, anda a galope, com rumor e alarido por parte dos interessados, trazendo anualmente milhares de obras ao mercado. Após poucos anos, porém, as pessoas perguntam: Onde estão essas obras? Onde está a sua glória tão prematura e ruidosa? Por isso, pode-se também chamar esta última de literatura que passa, e aquela, de literatura que fica.

Da ideia de Schopenhauer fica-nos a comparação com a arte musical, em que muitos criam, copiam, repetem tudo e quase não sugerem nada. Tudo por modismo de uma época que sobrepõe o corpo à mente. Que segue o embalo sem pensar no que o faz dançar. E é neste momento que o papel do educador se torna imprescindível, quando ao pegar pelas mãos esta clientela, caminha junto com ela para o deleite de outras fontes.

É, pois necessário compreender que não se espera de imediato fazer o aluno gostar do que está vindo, mas sim “gustar” e, literalmente falando, significa experimentar, provar, para quem sabe depois poder dizer enfim que não gostou, mas que já se “gustou”, ou seja, num novo sentido, conheceu.

Percebemos também que os alunos apresentam grandes dificuldades na forma de expressar seus sentimentos, daí a necessidade de conhecer melhor a

linguagem musical como possível recurso didático no processo de ensino aprendizagem, como forma de concretizar o que às vezes se parece idealizado no tocante ao conteúdo.

Magistralmente Ludwig Van Beethoven, proferiu sobre a maestria da música “A música é uma dama admirável! Quanto mais nos tornamos seus escravos, mais ela nos liberta”.

Em sala de aula, portanto é possível dar vida a essa “dama admirável” promovendo associações aos conteúdos trabalhados, por exemplo, usando o próprio celular que hoje é a mídia mais presente em sala de aula, para a audição de músicas temáticas relacionadas ao conteúdo programático da disciplina. Deixar-se-ia assim de ver nesta tecnologia um teor negativo como tão altamente é propagado ao se referenciar o exagero do uso por parte dos alunos.

## **CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O que define em última instância o abismo entre literatura e canção, entre poema-poema e poema-letra-de-música é o suporte que permite sua sobrevivência como objeto cultuado num patrimônio estético e afetivo coletivo.

(Ítalo Moriconi)

Almejando buscar comprovações bem como traçar um perfil acerca da proposta aqui apresentada como “A linguagem midiática no ensino da Literatura através da música”, foi empregado inicialmente um questionário visando a verificação socioeconômica e cultural dos alunos. Os trabalhos foram realizados na Escola Estadual Elizabeth Picanço Esteves, situada no município de Santana, bairro Hospitalidade, no mês de agosto de 2011.

Foram participantes três turmas do terceiro ano do Ensino Médio comportando um total de 95 alunos. Também foram incluídas três professoras das referidas turmas.

Sendo três as turmas participantes da pesquisa as trataremos aqui como turmas X, Y, Z. Tais alunos apresentavam na ocasião, idades entre 16 e 19 anos.

Durante a semana de observação das aulas, verificou-se que nas turmas Y e Z, o descompromisso por parte dos discentes era latente, tendendo ao desrespeito. Alguns ouviam músicas nos fones de ouvido; outros teclavam no celular (demonstrando a invasão midiática no ambiente escolar), outros conversavam paralelamente à aula e poucos de fato atentavam ao que estava sendo ministrado pelas professoras, que, aliás, também não se sentiam, ou não demonstravam nenhum desconforto ao que se lhes apresentava, interpretado aqui por minha observação, como uma realidade comum que já não mais incomoda. É esta aceitabilidade passiva que talvez esteja condenando a passos largos os rumos da educação brasileira.

Na turma X, foi possível perceber um melhor entrosamento entre aluno e disciplina. E muito da diferença se detectou na aplicabilidade do conteúdo estudado e na desenvoltura da docente que variava o tempo todo desde a impositação da voz que ora se impunha com vigor, ora com brandura, não deixando muito previsível e, por conseguinte, cansativo o ato de ouvir. Os alunos como contrapartida participaram mais, questionando e colaborando. Isto faz lembrar Paulo Freire (1993) na obra *Pedagogia do Oprimido*, onde deixa claro que educador e educando são sujeitos de um processo em que crescem juntos, porque ninguém educa ninguém, ninguém se educa só. Os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo.

As professoras participantes da pesquisa lecionam tanto a disciplina Língua Portuguesa quanto Literatura nas turmas referidas. Para fazer referência a ambas, artisticamente, trataremos a partir daqui por professora Maria e Joana.

Nas turmas Y e Z, professora Maria visivelmente competente, ministrava suas aulas com segurança impecável. Falava dos escritores, período literário, características de textos, etc. Falava tanto que os alunos quase não participavam. Quando indagados se compreendiam sempre respondiam afirmativamente e assim o monólogo prosseguia.

Na turma X, a professora Joana usou alguns artifícios que valem ser citados, como seminários, estudo de biografia de escritores no laboratório de informática, filmes temáticos, e músicas ouvidas no micro sistema, para análise de letra ou ilustração de características literárias.

Ressalte-se que a professora Maria também usou música em duas de suas aulas assistidas pela pesquisadora, contudo o que poderia ser uma ferramenta para o trabalho da literatura, levou-a no meio do caminho a catar verbos, evidenciar

incoreções, datas. Não que isto não fosse permitido, mas perdeu um pouco da proposta inicial que era trabalhar a literatura, ou seja, texto escrito e leitura.

Numa segunda tentativa, quando pediu aos alunos que levassem músicas atuais que evidenciassem em suas letras, características das cantigas trovadorescas, não houve um preparo antecipado da atividade, assim, o que surgiu foi uma verdadeira miscelânea de sons e letras. Perdeu-se, na atividade sugerida, uma excelente oportunidade para se trabalhar a música brasileira com ênfase em suas letras, além de priorizar a cultura que se quer inculcar na escola.

Também poderia ter se aproveitado a oportunidade para lhes oferecer um estilo que não estão habituados a escolher, quiçá pela falta de oportunidade cultural e que poderia ser encontrado na literatura, afinal a proposta é valorizar a bagagem que ele traz à escola, mas principalmente apresentar a este aluno aquilo que o seu contexto histórico ou social não lhe permite dispor.

Neste exemplo real, percebeu-se que a professora fez uso de um modelo midiático na educação com uma base no modelo de escola anterior ilustrando-se assim com Saviani (1981, p. 65), quando elucida que “o professor tem na cabeça o movimento e os princípios da escola nova, mas, a realidade em que atua é, tradicional”.

Ressalte-se que as análises que foram evidenciadas neste artigo são pautadas na tentativa de elucidar que o ensino da literatura, pode ser sustentado pelos recursos dispostos na mídia atual. E que nossos atuais “clientes” exigem mais que uma simples aula pautada em manuais didáticos que outrora se faziam reis do ensino de qualidade. Já dizia o poeta Fernando Pessoa que “navegar é preciso” e hoje, mais que nunca esse navegar é o que mais se pratica dentro de toda a exacerbação tecnológica a que o mundo se propõe.

Complementando a proposta, na mesma semana em que se realizou a pesquisa, também ocorreu uma pequena palestra idealizada pela autora desta monografia sob a coordenação de duas professoras que lecionam Língua Portuguesa e Literatura. Nela contou-se com a participação de 30 alunos e dois professores que ministram a disciplina Língua Portuguesa e Literatura na escola campo.

A palestra teve como tema: “Cantando a literatura”. E nela objetivou-se consagrar a música como uma possibilidade pedagógica para o ensino dos conteúdos de literatura, dando mais consistência às teorias e constituindo aos

docentes um novo jeito de ver a disciplina, dando até um contraponto às respostas que deram anteriormente no questionário de que participaram.

O período de duração das atividades executadas foi de 4 horas aula e ocorreu na sala da TV escola no período noturno. As atividades iniciais aplicadas foram baseadas na proposta de Martins Ferreira, na obra “Como usar (a música) na sala de aula”. Na qual sugere propostas de conteúdos apresentados a partir do uso da música nas mais diversas disciplinas.

Para início de atividade, foram selecionadas algumas músicas ambientes, para reforçar a ideia de Beethoven, citada no artigo e que faço questão de lembrar: “A música é uma dama admirável! Quanto mais nos tornamos seus escravos, mais ela nos liberta”.

Logo após a apresentação dos palestrantes, eles perguntaram aos alunos o que esperavam de uma aula intitulada “Cantando a Literatura”. E seguem acrescentando que não precisariam responder logo, apenas pensar e fazer conexão ao que seria apresentado.

Para início, foi colocado um slide com a música “O que é o que é”, de Gonzaguinha. As palestrantes, após audição, iniciaram um diálogo com os alunos, primeiro pedindo que cada um completasse a indagação do poeta/cantor: “... e a vida o que é diga lá meu irmão...”.

De posse das respostas uma professora inicia a contextualização da música e a outra infere sobre a intensidade da letra que acima de tudo, disse ela, “é um verdadeiro hino de louvor à vida”. Mostra o quão somos aprendizes nessa jornada e cada passo que se ousa dar é em prol de buscar conquistas e experiências, às vezes doídas, outras prazerosas, mas todas capazes de melhor construir as bases de um ser vitorioso.

Como primeira atividade, pediu-se para que os alunos construíssem grupos e a cada grupo foram entregues cópias de letras de músicas diferentes. E as orientadoras da atividade pediram para que lessem as letras que tinham em mãos uma a uma e deveriam discutir e registrar suas impressões sobre as mesmas. Os critérios para análise sugeridos foram:

- Assunto abordado;
- Relação entre possíveis conteúdos estudados em Literatura;
- Estrutura poética; entre outros.

A primeira música entregue foi “Desenredo”, de Gonzaguinha. Após todos lerem e efetuarem seus registros, a música foi ouvida. No início somente ouviram, na segunda vez todos acompanharam cantando. E então foi comentada a letra, ouvidos os registros dos alunos, e etc.

Interessante ter observado que os registros feitos pelos alunos participantes, literalmente, divagaram sobre o que ouviam e liam. Observe-se fiel registro de um grupo:

A música é muito animada e fala de um cara que viu um anúncio na televisão em que tinham índios americanos. No final mostra como o povo brasileiro gosta do carnaval, mas não entendi porque cita o índio no meio de carnaval se eles normalmente não participam dessa festa cultural. (informação verbal, escola campo, 2011)

Esse momento faz lembrar Beth Brait, ao proferir que:

[...] qualquer texto fora de seu contexto poético, descolado do conjunto da produção pode ser facilmente assumido como formas sem razão e vozes distintas, mas poderia, também, dependendo do que o professor faz com o conjunto de versos, de como o faz chegar aos alunos, funcionar como elo entre as gerações. (2005, p. 07)

Claro está mesmo não seja justificável, pois estamos tratando com clientela de Ensino Médio, que muitos de nossos alunos não aprenderam a ir além do que o texto mostra. Como sugeriu a mestra/poetisa Clarice Lispector “... que não se esmaguem com palavras, as entrelinhas”.

No entanto, em realidade interpretativa, o que comumente se vê é exatamente essa vagueza de perspectiva do texto, seja ele qual for se o leitor não estiver preparado para saborear, ficará à mercê de descrições superficiais, não captando a essência da proposta, nem tampouco podendo contribuir com inferências pessoais, propondo-se assim às ricas intertextualidades.

Então neste ínterim entraram as presenças das palestrantes dissecando tudo o que foi possível acerca da letra e melodia da música. Na abordagem realizada trabalhou-se o ritmo que lembra um samba e que a posteriori seria concretizado ao se citar o carnaval.

Verifica-se na letra a ironia fina tratada pelo artista ao se referir às ações do descobrimento do Brasil, assunto que na disciplina literatura será abordado pela Literatura Informativa e sequencia com ações que remetem ao pós-descobrimento.

Nos papéis que os alunos receberam algumas palavras estavam negritadas intencionalmente. Essas seriam as palavras-chave para recordar os personagens ou mesmo passagens do conteúdo que deveriam reconhecer, eram as seguintes: Tribos; Cabral; Caminha; Carnaval; Unidos do Pau-Brasil; dentre outras.

Essas palavras dão margem para uma explanação minuciosa acerca do conteúdo bem como da história do descobrimento. E ainda, abre momento para levantamentos políticos que circundam o cultural e social brasileiro.

A música seguinte foi “O navio negreiro”, música de Caetano Veloso, baseado no texto de Castro Alves. Essa música, em especial, foi muito bem aceita pelos alunos que alegaram conhecer o fragmento de Castro Alves quando estudaram o Romantismo de terceira geração. Ninguém afirmou conhecer em forma musicada e acharam interessante ouvir assim.

Mostraram-se muito entusiasmados ao comentar o texto e demonstraram ter domínio sobre a história do tráfico negreiro e de como sofreram os negros nas cenas descritas na obra citada.

Dois pontos devem ser destacados aqui, um é a nítida falta de aproveitamento de outros gêneros musicais. Há uma carência de se deliciar letras de músicas que estejam fora do gosto massificado imposto pela mídia o que efetivamente torna cada dia mais pobre a cultura local; em especial a juventude, que busca ritmo para embalar o corpo e se esquece de dar ritmo ao cérebro.

Outro ponto é a confirmação de que todos se sentem motivados a falar sobre o que sabe. E com o aluno não é diferente, mais ainda, o que o motiva também oferece novas construções e inferências. Fato que se embasa no fragmento seguinte, extraído da Revista Nova Escola:

As transformações acontecem na escola, mas, os educandos continuam desmotivados e com dificuldade de digerir o ensino-aprendizagem como temos visto nos estudos literários. Entendemos que essa é a hora de buscar o passeio cultural com propostas motivadoras em que o educando venha aprender através de um novo olhar o conhecimento. (2008, p. 45-46).

Passeando pela literatura foi vez de ouvir “Súplica cearense”, interpretada por Luís Gonzaga. A música remete ao Modernismo geração de 30. Geração que

retrata a vida do sertanejo e seus desafios ante os problemas da seca que assolaram o país. Cuja letra é a seguinte:

Oh! Deus perdoe este pobre coitado/ Que de joelhos rezou um bocado/  
Pedindo pra chuva cair sem parar/ Oh! Deus será que o senhor se zangou/  
E só por isso o sol se arretirou/ Fazendo cair toda a chuva que há/ Senhor,  
eu pedi para o sol se esconder um tiquinho/ Pedi pra chover, mas chover de  
mansinho/ Pra ver se nascia uma planta no chão./ Oh! Deus, se eu não  
rezei direito o Senhor me perdoe, /Eu acho que a culpa foi/ Desse pobre  
que nem sabe fazer oração/ Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de  
água/ E ter-lhe pedido cheinho de mágoa/ Pro sol inclemente se arretirar/  
Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno/ Desculpe eu pedir para  
acabar com o inferno/ Que sempre queimou o meu Ceará.

Após ouvirem e cantarem a música, a professora explana sobre a letra, associando-a ao conteúdo do Modernismo. Pediu que percebessem a postura do sertanejo ante a figura de Deus e da natureza. É de total submissão e fé e se coloca como único culpado pelos problemas que ocorrem e, por isso, pede desculpas tantas vezes.

Aproveitando um ritmo musical mais homogêneo em se tratando de nosso país, a música seguinte contemplou um samba criado pela escola de samba Império Serrano no ano de 1989, em homenagem a Jorge Amado. Na letra da música é possível passear pelas obras de Jorge Amado, reconhecendo linguagem, personagens e títulos de sua literatura. Com este samba chamado “Jorge Amado – Axé Brasil” foi concluída a palestra. E assim os alunos puderam se pronunciar sobre a indagação inicial feita pelas palestrantes.

Entre os comentários, registro o que julguei mais relevante, como o do aluno João Gonçalves da Silva, aluno do 3º ano do Ensino Médio, “Sempre odiei Literatura. Nunca vi sentido em ficar decorando a vida dos caras e as obras que eles fizeram. Mas eu juro que se em cada aula eu tivesse que ouvir uma música, mesmo essas estranhas, acho que eu já ia gostar. Fica mais leve”.

Nesta declaração é nítida a certeza de tudo o que já foi mencionado a respeito da necessidade de se desenvolver um trabalho que atenda aos anseios da clientela escolar atual, que não se contenta apenas com as apropriações teóricas tradicionais, mas que enxerga novas formas de aprendizado como anseio a conquistar. Assim também se devem sustentar as novas práticas educativas,

inserindo meios que confortem e instiguem o aprendizado simultaneamente. Caroline Cao Ponso também defende esta ideia quando diz:

Para que um projeto ocorra de forma significativa para os alunos é importante criar demandas e situações que oportunizem a construção, produção e a ampliação de conhecimentos, levando em consideração a diversidade de características dos alunos, assim como seus interesses, suas necessidades e seus tempos diferentes. (PONSO, 2008, p.17).

Ainda para Ponso (2008, p.15) “A música é conhecimento, é substância, é algo palpável que está a serviço das demandas que surgem nos projetos de intervenção.” A autora defende a inserção da música como recurso pedagógico para o trabalho com temáticas pertinentes a diferentes disciplinas a se trabalhar ao mesmo tempo o aprendizado significativo e o interesse dos alunos.

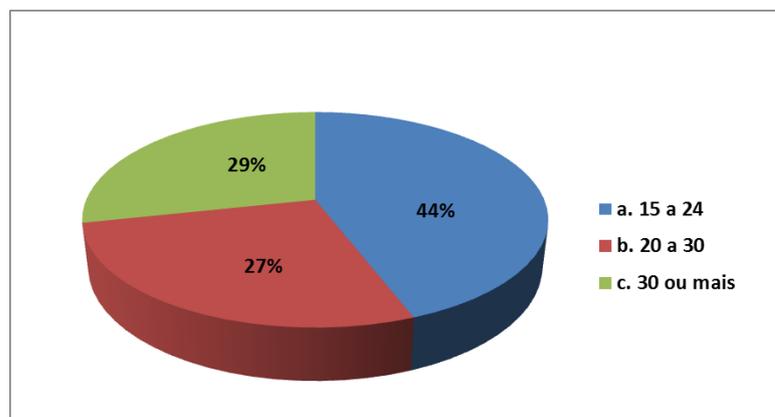
Após a palestra e observações realizadas em sala de aula, partiu-se para a etapa em que os envolvidos no trabalho - as duas professoras e as três turmas pesquisadas - responderam a um questionário com perguntas abertas e fechadas e cujas respostas evidencio a partir de agora as respostas mais frequentes.

## CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 3.1 – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ALUNOS

Na pergunta 01 do questionário aplicado aos alunos em que se perguntou qual a idade de cada um deles, detectou-se que a maioria tem entre 15 a 24 anos, totalizando assim 44%, ou seja, 42 do total de entrevistados.

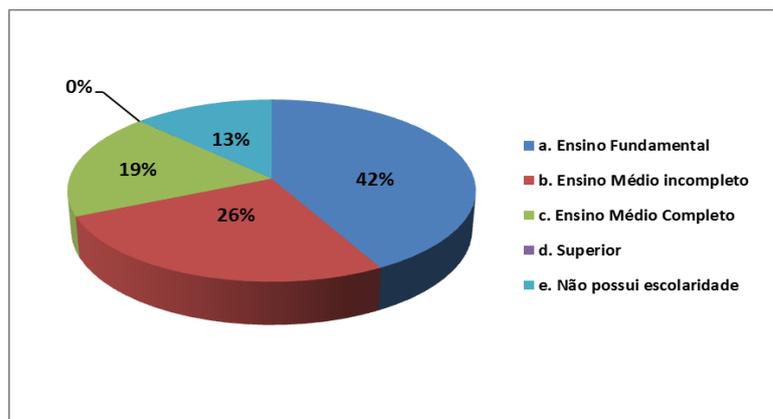
Gráfico 01 – Qual sua idade?



FONTE: Pesquisa de campo

Na pergunta 02 buscou-se saber qual o grau máximo de escolaridade dos pais dos entrevistados, verificou-se um dado preocupante acerca da realidade destes alunos e que pode refletir também a realidade brasileira; a de que os pais têm pouca cultura formalizada. Isto pode interferir diretamente na educação e expectativa dos filhos, pois pouco se cobra quando não se tem instrução suficiente para fazê-lo.

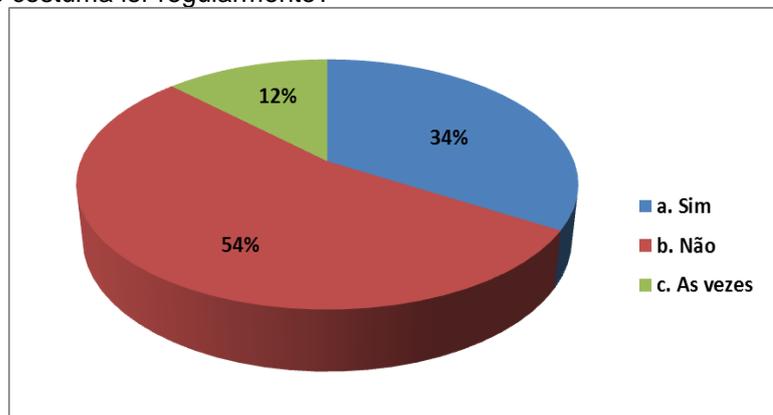
Gráfico 02 – Qual o grau máximo de escolaridade dos seus pais?



FONTE: Pesquisa de campo

O questionamento 03 procurou saber se costumam ler regularmente, 54% responderam negativamente e isto assusta, mas confirma o esperado de acordo com a resposta dada ao questionamento 02 e ao que foi comentado no mesmo item, ou seja, o de que a falta de instrução formalizada dos pais pode afetar diretamente nos hábitos do filho, neste caso, na falta de hábito da leitura.

Gráfico 03 – Você costuma ler regularmente?



Fonte: Pesquisa de campo

As respostas dadas na indagação de número 04 do questionário, “O que é literatura para você”, foram um pouco preocupantes. Primeiro acerca da noção não consolidada do que seja de fato a literatura e qual seu objeto de estudo. Algumas respostas foram vagas e outras como 26% afirmam ser o estudo de obras e escritores, pura e simplesmente ou ainda como os 17% que dizem ser como a disciplina História que trabalha com o passado. Depois, porque mesmo que algumas respostas tenham referenciado palavras-chave esperadas, como: texto/leitura/produção, nos percentuais de 25% e 26%, ainda não se chega a ter expressividade devido à vagueza com que foram mencionadas, apresentando assim uma fragilidade da educação formal, como veremos na pagina seguinte.

Gráfico 04 – O que é literatura para você?



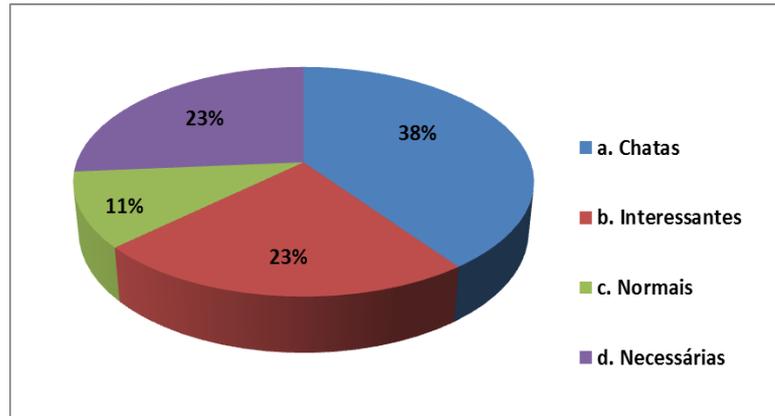
FONTE: Pesquisa de campo

Dos alunos questionados na pergunta 05, em que se perguntou como você avalia as suas aulas de literatura, 38% que equivalem a 30 alunos, afirmaram que são chatas e isto fora a resposta predominante.

Conforme ensina Zilberman (1991, p.121) as expectativas do ensino da literatura são simultaneamente reprodutoras e seletivas; leem-se boas obras, já sacramentadas pela tradição e seus mecanismos de difusão. Mas, aí se reconhece o fato de que as aulas deixam de ser desafiadoras e, por isso, desagrade tanto uma vez que ano após ano se firme a mesma repetição conteudista e o modo de transmissão também seja o mesmo.

Legitimando acerca desta ideia temos Oliveira (1998, p. 25), ao versar que o ensino da disciplina de Literatura, no Ensino Médio, tem sido feito com ênfase em aulas expositivas, pelo fato de observar que, frequentemente, na escola o estudo da literatura está baseado em informações históricas, biográficas de autores e nomes de obras selecionadas e privilegiadas pela tradição.

Gráfico 05 – Como você avalia suas aulas de literatura?

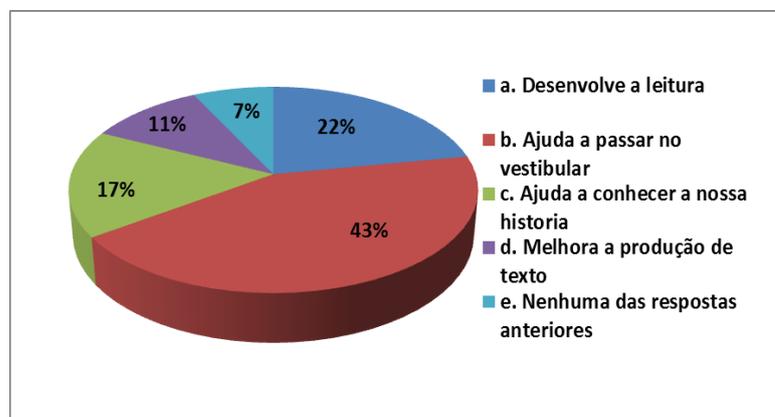


FONTE: Pesquisa de campo

Constatou-se na pergunta 06, “Qual a contribuição dessa disciplina para a sua vida”, efetuada aos alunos, que o percentual majoritário da resposta remete a um relato de experiência que posteriormente aparecerá neste artigo. A professora Joana S.S. disse “Sei que a Literatura poderia ser mais aprazível aos olhos dos alunos se a atual realidade escolar não fosse tão voltada para os vestibulares. Hoje, o programa de ensino exige que voltemos os esforços para as teorias que serão cobradas nas tantas provas que surgiram para medir o grau de ‘conhecimento’ escolar e entre elas a busca pela sonhada faculdade”.

De fato é um fator a se considerar, pois as inúmeras provas (Enem, vestibular...), às quais os alunos serão submetidos, têm feito da aula uma cobrança mais mecanizada, inserindo mais conteúdo e dando menos chances às práticas e experiências.

Gráfico 06 – Qual a contribuição dessa disciplina para a sua vida?



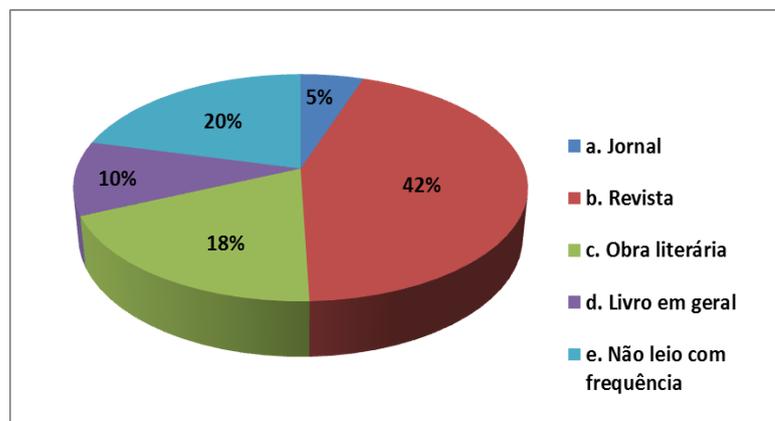
FONTE: Pesquisa de campo

Qual (quais) dos estilos a seguir você lê com frequência, foi a indagação efetuada aos alunos, na questão 07, onde 42% afirmaram ler revistas e 20%

afirmaram que não leem com frequência. Isto aponta um comprometimento de um objetivo descrito no gráfico da questão 06, quando os alunos respondem que veem como contribuição da disciplina ajudar a passar no vestibular e aqui os percentuais citados conduzem para uma leitura que pouco confere consistência a uma aprovação.

A leitura, segundo Silva (2005, p.88) é um trajeto no qual e para o qual o texto é o ponto de direção da consciência. Pode-se dizer então que a leitura qualifica o homem e lhe dá subsídio para pensar e agir a partir daquilo que lê.

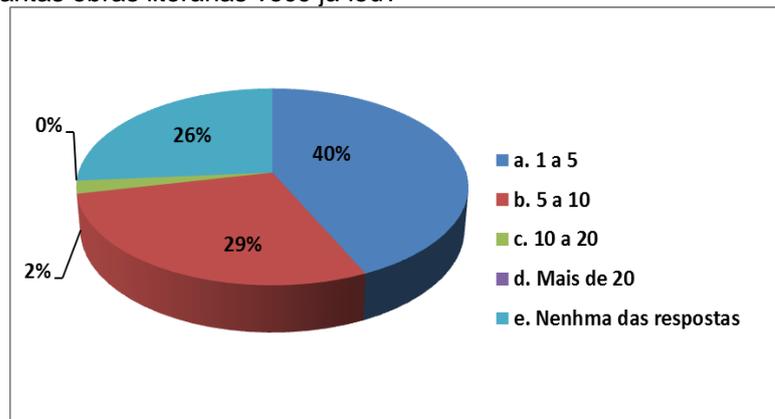
Gráfico 07 – Qual dos estilos você lê com mais frequência?



FONTE: Pesquisa de campo

Na pergunta 08, sobre quantas obras literárias já leram, verificou-se que 40% dos alunos já leram entre um a cinco livros, 29% leu entre cinco a dez e 26% não respondeu ou não leu. Fato que complementa a questão anterior, mas outra resposta que causa preocupação, mesmo sabendo-se ser a realidade brasileira e já tão explorada, é no tocante à falta de leitura mencionada. Um dos termômetros da boa literatura é a prosperidade da leitura. Se isto não ocorre é porque algo vai mal de fato. E pensar um aluno que chegou ao Ensino Médio e afirma que não leu obras literárias, ou quando leu foi parcamente então esse fato aponta para a falta de construção do gosto literário e de um conhecimento sólido, independente da escola, que se sustente fora dela. Reforça-se a preocupação acerca deste tema com as palavras de Moriconi (2002, p.08) “A palavra poesia apresenta certa flutuação de sentidos [...] No universo literário, é tida como a mais refinada das paixões. Imagina-se que poetas, assim como leitores de poesia, sejam indivíduos singulares”.

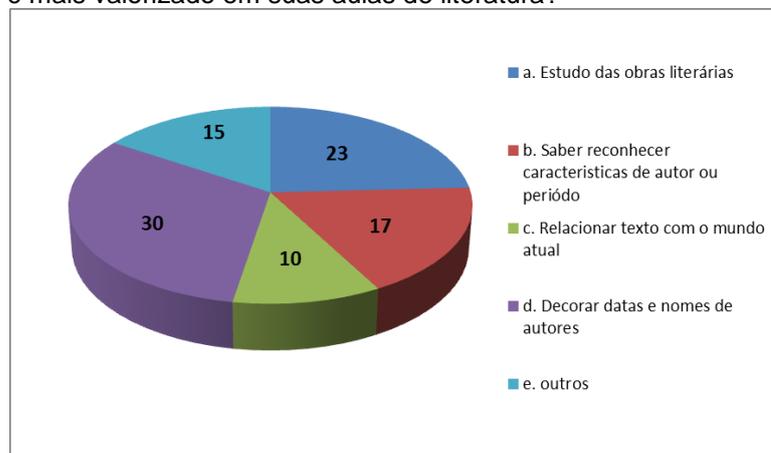
Gráfico 08 – Quantas obras literárias você já leu?



FONTE: Pesquisa de campo

Na indagação de número 09 a respeito do que é mais valorizado nas suas aulas de literatura, obteve-se como respostas questões que reforçam a mecanização do saber e, como já citado no início deste trabalho com Saviani (1981, p. 65), quando elucida que “o professor tem na cabeça o movimento e os princípios da escola nova, mas, a realidade em que atua é, tradicional”.

Gráfico 09: O que é mais valorizado em suas aulas de literatura?

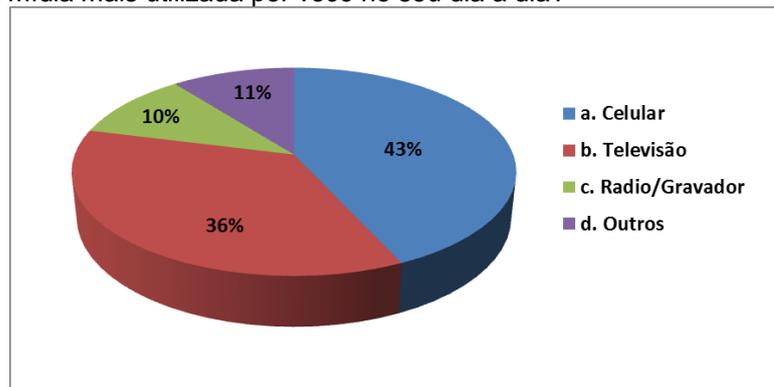


Fonte: Pesquisa de campo

Na questão de número 10 que questiona qual a mídia mais utilizada por eles no dia a dia, obteve-se em maiores respostas 43% apontando o celular e 36% a televisão. Os gráficos apontam, portanto ao teor e consistência do universo ubíquo atual; e tais respostas também eram esperadas devido ao que presenciei quando em observação descrita nesta monografia. Assim comprova-se que todos vivem esta realidade e além de usar no contexto social, também a exploram no contexto escolar.

A grande descoberta aqui foi sobre o declínio momentâneo daquela que foi a patrona dos lares brasileiros por séculos: a televisão. Não que ela esteja esquecida, vale lembrar a idade dos pesquisados e sua profissão (estudantes), mas ainda assim é representativo. Mas a novidade ubíqua chamada celular é o que mais domina e não para de crescer estando entre todas as faixas etárias e classes sociais.

Gráfico10: Qual a mídia mais utilizada por você no seu dia a dia?



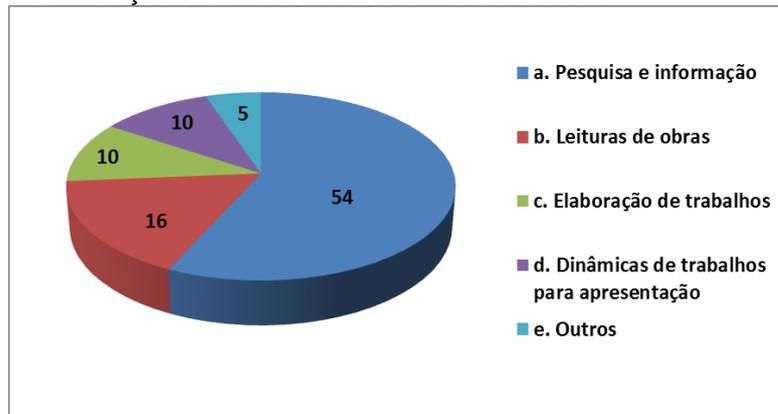
FONTE: Pesquisa de campo

Na questão de número 11 que indaga sobre as contribuições que as mídias podem trazer ao universo escolar, mais da metade das respostas, ou seja, 54% apontaram o uso para a pesquisa e informação e dentre outras respostas vem 16% apontando a possibilidade de leitura de obras.

Vê-se, portanto, a utilidade dada às diferentes classes sociais de participar de um processo de aquisição de conhecimento momentâneo que lhe permita estar incluso igualmente aos que possuem maior poder aquisitivo, quando a partir da possibilidade de leituras e fontes de pesquisa, elementos estes tão úteis a quem quer aprender. Acerca dessa ideia ilustra-se com um exemplo dado por Schmidt:

Está evidente que a mídia está cada vez mais assumindo um status pedagógico, interpelando crianças, jovens e adultos. A relação entre mídia e educação está posta e um projeto educacional sintonizado com os novos tempos, não poderia deixar de lado a oportunidade de levar o jornal para a sala de aula e ao mesmo tempo levar a sala de aula para o jornal (2006, p.2)

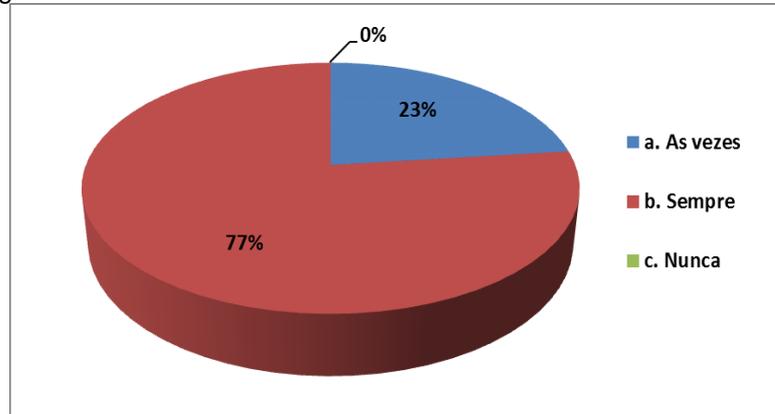
Gráfico11: Qual a contribuição das mídias ao seu universo escolar?



Fonte: Pesquisa de campo

Ao serem questionados no item 12 se gostam de ouvir música, obteve-se 72% que gostam sempre, contra 23% que gostam de ouvir às vezes. Para Snyders (1992, *apud* Jeandot, 1997), nunca uma geração viveu tão intensamente a música como as atuais. Logo esta pode ser uma estratégia de apoio incondicional em sala de aula.

Gráfico 12: Você gosta de música



FONTE: Pesquisa de campo

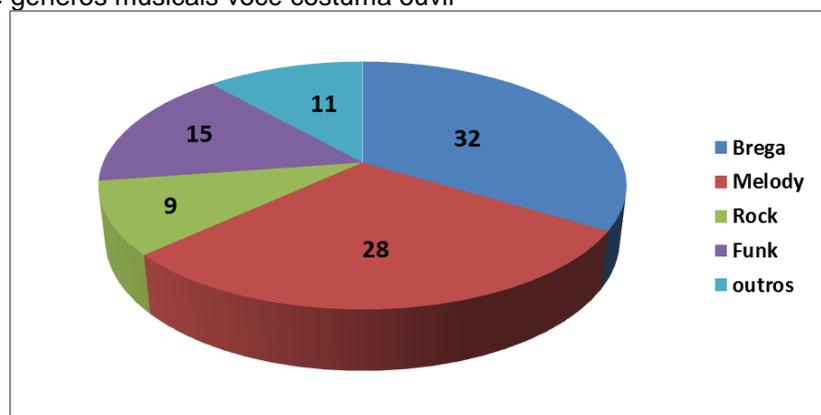
Na pergunta 13, sobre os gêneros musicais que costumam ouvir, 32% apontou o brega, 28% *melody*, entre outros ritmos obteve-se o percentual de 11%. Nesta indagação comprovou-se a falta de contato com gêneros musicais variados e nisto, reforço que somos responsáveis por apresentar outros “sabores” à miscelânea musical de nossos alunos.

Às vezes, como fruto do meio e falta de oportunidade, as pessoas não gostam de gêneros musicais que lhes sejam diferentes, não experimentam, por exemplo, as músicas brasileiras que tanto contam sobre nossa história e podem ser

não apenas deliciadas, mas também usadas como fonte de aprendizado já que em termos de quantitativo a música foi citada como sempre ouvida.

Ainda acerca do gênero musical citado no item 14, relaciono-o ao item 02 (escolaridade dos pais) e ao item 03 (regularidade de leitura), em que vejo total associação entre cada um, pois se percebe que a falta de instrução familiar é fator que pode interferir para uma futura carência de acesso a cultura. Se os pais não leem ou ao menos não fomentam essa prática na família, raramente se terá sucesso em relação à introdução do hábito de ler; no mesmo grau se identifica a seleção musical. A atual realidade mostra músicas que apenas primam pelo balanço. São verdadeiras onomatopeias, que vendem muito e não dizem nada, afinal, Mariconi (2002. p,11 e 12), sintetiza “Em nenhum outro país do mundo a canção popular atingiu um *status* tão intelectual quanto no Brasil [...]. Nossa canção popular tem letras de alta voltagem intelectual”.

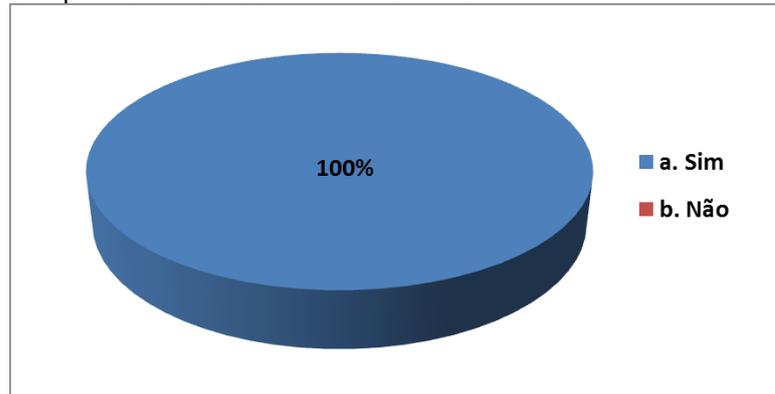
Gráfico 13: Que gêneros musicais você costuma ouvir



FONTE: Pesquisa de campo

Na pergunta 14, ao serem indagados se acham possível associar música e literatura, 100% dos entrevistados responderam afirmativamente. Isso não implica que tenham vivenciado esta prática, nem que saibam de que forma ela seria viável, mas talvez demonstre um desejo, já que tanto mostram gosto por ouvir músicas no dia a dia.

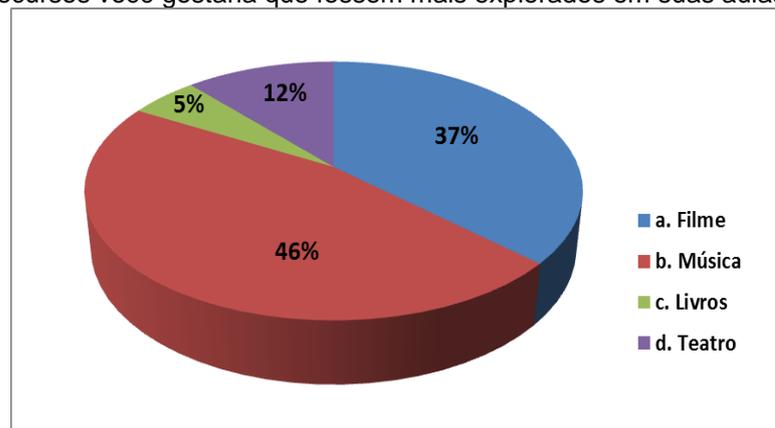
Gráfico 14: Você acha possível associar música e literatura



FONTE: Pesquisa de campo

Finalmente na pergunta 15, que versava sobre que recursos gostariam que fossem mais explorados nas aulas de Literatura, os mais apontados foram a música e o filme, ou seja, novamente as mídias sendo ovacionadas. Outra vez se reconhece a ânsia que possuem por aulas mais dinâmicas e que integrem os recursos que habitualmente têm contato. Acerca dessa ideia pode-se refletir com Barbosa (1994, p.24) que afirma que “[...] é muito estranho que a escola pense o aluno como uma página em branco e não faça nada para aproveitar a alfabetização cultural que ele traz, só porque está diferente – não uma alfabetização de letrinhas, mas uma alfabetização cultural oferecida, por exemplo, pela televisão”.

Gráfico 15: Que recursos você gostaria que fossem mais explorados em suas aulas de literatura.



FONTE: Pesquisa de campo.

### 3.2 – QUESTIONÁRIO REALIZADO COM AS PROFESSORAS

Sobre as respostas dadas pelas professoras, quero mencionar antes de tudo as diferentes posturas assumidas por elas ao responderem seus questionários.

**Pergunta 1: Qual o grau de instrução?**

Licenciatura	Especialização	Mestrado
	A, B, C	

FONTE: Pesquisa de campo.

As três professoras possuem cursos de especialização na área de linguagem e afirmam ter vontade de ir além, mas reconhecem ser difícil no estado, estudar por falta de incentivo ao professor e por individualmente não disporem de recursos.

**Pergunta 2: O que representa a leitura para você?**

A- “É o que sustenta bem qualquer indivíduo na sociedade. É o que dá segurança a qualquer inferência, já que sua proposta maior é a aquisição de conhecimentos”.
B- “Ler é permitir conhecer outros espaços, participar deles e até adotá-los na vida a partir do aprendizado que a leitura propicia”.
C- “Pessoalmente é parte da minha vida pessoal e profissional”.

FONTE: Pesquisa de campo.

Pode-se afirmar que todas trataram não apenas sobre a essência da leitura, como também a elucidaram poeticamente. Contudo a professora “C” individualizou a resposta quando mostra que é importante para a sua vida, mas não propõe o motivo de fato, desta importância. Distração? Conhecimento? Participação social?

**Pergunta 3: O que significa literatura para você?**

A- “Literatura é o estudo da arte através da palavra, principalmente escrita”.
B- “Literatura está ligada a história social do indivíduo e contempla a palavra escrita como registro dessa história”.
C- “É a disciplina que situa o texto como foco principal de trabalho”.

FONTE: Pesquisa de campo.

As respostas dadas, ainda que muito diretas, atingem a essência de estudo da disciplina, pois como afirma Pound (2006, p.33) a existência da Literatura tem um significado e está ligado ao aspecto social, assim o indivíduo passa a compreender melhor e criticar com mais pertinência o seu próprio meio.

Corroborando com os conceitos dados pelas professoras, temos ainda Proença (2004, p.33-34), que sobre a Literatura diz que “é a arte da palavra e que as variações significativas acontecem durante o decorrer da história”.

**Pergunta 4: O que representa a leitura literária para você?**

A resposta mais satisfatória foi a da professora que disse que “qualquer leitura é altamente importante para quem busca o conhecimento, contudo a leitura literária traz um diferencial ao ser, além de uma forma de instrução e prazer, também um contato com a linguagem artística”.

**Pergunta 5: Que metodologias e/ou estratégias você utiliza para ministrar suas aulas?**

A- “Busco variações, dependendo do assunto abordado e do nível da turma. Mas uso textos suportes, filmes temáticos, seminários, leituras...”
B- “Gosto sempre de iniciar com a aula expositiva e depois ilustro com filmes, pesquisa para complementação, etc”.
C- “Aula expositiva, seminários, produções”.

FONTE: Pesquisa de campo.

Dispensando maiores comentários acerca das respostas dadas, chamo a atenção para o fato de que apenas uma das professoras fez referência à leitura em suas aulas. Assim confirmando que, embora a disciplina traga o foco para a necessidade de construção do leitor, alguns secundarizam esse foco priorizando apenas as teorias dispostas no programa de ensino.

**Pergunta 6: Qual sua opinião sobre abordagens dos livros didáticos (Ensino Médio) referentes ao ensino de literatura?**

Bom	Regular	Ótimo	Fraco
-	A, B	-	C

FONTE: Pesquisa de campo.

### **Pergunta 7: Como você trabalha a leitura literária com seus alunos?**

A- “Sou radical quanto à leitura literária. Cobro mesmo com rigor, às vezes em provas, às vezes com apresentações, outras em produções. Eles precisam entender que é necessário ler, ainda que não gostem. E que lá fora não vão cobrar suas leituras com dinâmicas”.

B- “Seminários, resenhas, teatro”.

C- “Discutimos a leitura e em seguida proponho algo prático sobre a obra, como dramatizações, construções de paródias alusivas ao enredo”.

FONTE: Pesquisa de campo.

Na pergunta de número 6, ao serem questionadas sobre as abordagens dos livros didáticos, as respostas tenderam para certo descontentamento. Afirmam ser fraco e regular. Uma professora justificou dizendo que não atendem satisfatoriamente, principalmente no tocante a textos suporte e a exercícios inovadores. E, complementando a pergunta 7, apenas uma professora afirma usar os livros didáticos com regularidade na turma. As demais dizem construir suas próprias apostilas para uso.

### **Pergunta 8- Como você trabalha a leitura literária com seus alunos?**

A – “Em atividades práticas como: teatralização e seminários e escritas também”

B – “Vario muito. Ora em provas, resenhas... ora apresentações e debates”

C – “Debates, atividades escritas ou dramatizações”.

FONTE: Pesquisa de campo.

**9- Alguns educandos demonstram aversão pelas aulas de literatura. Você percebe isso em suas aulas? Em sua opinião o que causa essa aversão?**

Dentre as respostas dadas, uma chamou a atenção ao lembrar a atual necessidade de se ingressar na faculdade: “Se não fosse a real necessidade de cobrarmos uma Literatura voltada para o ingresso na faculdade, talvez pudéssemos tornar menos teóricas as aulas e assim, mais agradável aos alunos ao propor a poesia, por exemplo, em sua essência e beleza e não como interpretação ou contextualização como deseja o vestibular.”

Ainda sobre a indagação de número 9, obtive respostas que sustentam a tese de que eles não gostam da essência da literatura que é a arte escrita. E continuou a professora Joana, “para se conceber bem essa arte é necessário o domínio da leitura, tarefa difícil para nossa sociedade”.

Aproveito para retomar à respostas 8, e outra vez ao comentário A, onde a professora firmemente defende a importância do trabalho com a leitura literária e toca num ponto significativo ao dizer que “lá fora não vão cobrar leituras em dinâmicas”.

De fato é importante que se tente dar prazer ao ato de ler, com o intuito maior de cedo se projetar leitores capazes de buscar sozinhos a continuidade dessa prática que muito será requerida pelo meio social e que, desse modo, deverá vir, se não por prazer, ao menos por obrigação.

A propósito desta ideia elucida o Mestre Renato Aquino: [...] a dificuldade é geral e, com certeza, oriunda da falta de treinamento. As pessoas têm pouca disposição de mergulhar no texto; elas conseguem obviamente lê-lo, mas não aprofundam a leitura, não extraem dele aquelas informações que uma leitura superficial, apressada, não permite (2009).

Refletimos, pois estamos tratando de uma pesquisa que envolve alunos do Ensino Médio e, embora seja possível trabalhar o texto com práxis mais motivadoras, não podemos retirar deles a responsabilidade que devem ter com seu crescimento e afinal, precisam entender que se não gostam, então que o pratiquem ao menos por necessidade.

**Pergunta 10: Que recursos midiáticos você utiliza para subsidiar suas aulas?**

Televisão	Telefone	Micro sistem	Computador
A, B, C	-	A, B	B

FONTE: Pesquisa de campo.

**Pergunta 11: você costuma apresentar músicas para integrar suas aulas?**

Nunca	Raramente	Com frequência	Sempre
-	B, C	A	-

FONTE: Pesquisa de campo.

Analisando as respostas 10 e 11, constata-se ainda a pouca sincronia entre o saber escolar e o saber social, aquele que surge e invade o gosto e a vida dos indivíduos em geral. E, vale lembrar aqui as palavras de Martins, já mencionadas no início deste artigo, ao dizer: “É tarefa do professor, procurar novas maneiras de incentivar o estudo da Literatura, fugindo das normas padrões do livro didático”.

Portanto, para as duas respostas supracitadas, evidencia-se ainda uma timidez quanto às abordagens midiáticas atuais, quanto à inserção delas no cenário interdiscursivo educacional. As tecnologias são modalidades de letramento que já existem fora da sala de aula e, que por isso, precisam ser mais bem absorvidas pela cultura geral, logo, também na escola.

**Pergunta 12: Você acha que é possível associar músicas para apresentar a literatura?**

A esse questionamento, unanimemente, responderam afirmativamente, mas apenas evidenciaram o trabalho com a interpretação da letra da música ou ainda para ilustrar conceitos, não foi visto em nenhum caso o trato de fato da literatura, seja pela palavra, estruturação, sentido; ou mesmo associação ao conteúdo.

**Pergunta 13: Como seria uma aula de literatura ideal para você?**

As respostas divergiram bastante neste ponto da entrevista. A professora “A” diz sonhar como ideal, aquela aula que tivesse a participação efetiva dos alunos, colaborando com inferências, indagações. Que se sentissem motivados a aprender. A professora “B” sugeriu uma aula com recursos capazes de ilustrar cada teoria proposta pela disciplina e que os alunos pudessem produzir com um tempo de aula maior. A professora “C” lembrou o fato de que para uma aula ideal os alunos precisariam trazer uma bagagem de leitura de base e que pudesse então ser aprimorado no Ensino Médio com mais criatividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações obtidas a partir deste artigo levam à comprovação de uma realidade já esperada no que tange a atual prática do ensino brasileiro: o aluno já não se apraz com os modelos antigos de educar e tem seguido muito as tendências trazidas pela ação midiática.

A partir desta constatação, suscitei o tema deste trabalho “A linguagem midiática no ensino da literatura através da música”, para mostrar que é possível, bem como necessário, que o atual proceder se firme em prol de práticas mais concretas e alicerçadas naquilo que prende a atenção e educa ao mesmo tempo.

Em se tratando de disciplinas de aceitação crítica, como é o caso da Literatura, Língua Portuguesa e outras, as estratégias utilizadas pelo educador pode ser fator definitivo para a elucidação do trabalho e a obtenção positiva dos resultados que dele se espera. Zilberman (1991, p.125) ressalta que a metodologia de ensino não se funde no endosso submisso de tradição, na repetição mecânica e sem critérios de conceitos desgastados, mas que deflagre o gosto e o prazer da leitura seja literária, ficcional ou não, e possibilite o desenvolvimento de uma postura crítica perante o lido e perante o mundo que se traduz.

Ficou muito evidente que a escola ainda caminha para a mudança e/ou modernização do ensino e que os primeiros a querer que ela aconteça são os alunos, por não se sentirem satisfeitos com o tradicionalismo de antes.

Para Oliveira (1998, p. 25), o ensino da disciplina Literatura, no Ensino Médio, tem sido feito com ênfase em aulas expositivas, pelo fato de observar que, frequentemente, na escola o estudo da literatura está baseado em informações históricas, biográficas de autores e nomes de obras selecionadas e privilegiadas pela tradição. O professor apresenta e confirma o valor de determinados textos literários que representam dada escola, sem possibilitar ao educando questionar, discutir ou refletir sobre o texto literário, conforme garante Zilberman (1991, p.121) as expectativas do ensino da literatura são simultaneamente reprodutoras e seletivas; leem-se boas obras, já sacramentadas pela tradição e seus mecanismos de difusão.

Com um bom planejamento, diversas áreas do conhecimento podem ser estimuladas através da prática de audição e interpretação musical em sala de aula.

Trata-se de uma linguagem universal e que desperta no indivíduo a expressão de seus sentimentos ao mesmo tempo em que leva a reflexão e assimilação de ideias, valores culturais e estimula a apreensão de conteúdos, sendo assim considerado um agente facilitador do processo educacional.

É sugestionado ao professor tentar adaptar o uso de músicas em seus planos de aula, não de uma forma aleatória; sem pesquisa, mas que esteja contextualizada com os conteúdos do currículo, seguindo os preceitos de ensinar de forma lúdica e dando significado àquilo que está ensinando.

Na dinâmica da palestra referenciada no artigo, verificou-se a intenção que trato aqui, em que envolveu os alunos e possibilitou o conhecimento simultaneamente de forma que captou a atenção fazendo-os participar com dinamismo da aula. Adicionado a isto, a dinâmica trouxe ainda ao grupo participante a oportunidade de vivenciar um universo musical do qual não compartilham no dia a dia que é o contato com a MPB e pode ser um deslize não fomentarmos esta aceitação aos nossos alunos. A música popular brasileira é de riqueza imensurável e no decorrer da história vem contando um pouco das histórias e lendas locais ou mesmo discutindo aspectos sócio-políticos. Ela enriquece o panorama cultural de nosso país não se fazendo mero meio de entretenimento, pois em vários momentos de nossa história tais músicas se fizeram ora armas contra os opressores, ora ferramentas de denúncia, de mudança social e narrativa da trajetória do Brasil.

Portanto, utilizar a música brasileira como ferramenta metodológica é possibilitar trazer para si um eficiente recurso de apoio às aulas de literatura ou outras tantas. Tal fato ocorre pela capacidade que tem a música de motivar ou mesmo pela riqueza cultural implícita e explícita nas letras destas músicas aqui referendadas que estão cada vez mais presentes no cotidiano e na mídia brasileira, podendo ser utilizadas como fator comparativo para qualidade musical e verbal. Nas palavras de Confúcio, “A música gera um tipo de prazer sem o qual a natureza humana não pode passar”.

Contudo, ao contrário dessa atividade especial para o momento, constatei uma realidade bem mais superficial e passiva no jeito de ensinar. Professores que já se conformaram com descaso dos alunos diante da disciplina e que rejeitam a inclusão das ferramentas midiáticas vendo nesta inserção um desafio de força, resistência e domínio.

Quanto ao aluno, é fato que está carente de orientações em meio à exacerbação dos meios midiáticos atuais. Não gosta do método que lhes passam, mas também não questiona e apenas lança seu mudo desafio. O problema é que assim os caminhos de ambos, alunos e professores, se distanciam e cada um segue em paralelos opostos buscando uma razão individual, mas que fere toda a ideologia de sala de aula que é ensinar, aprender, colaborar, facilitar, aprender e construir.

É urgente que se construa esta “paixão” que, por conseguinte trará a reflexão sobre os rumos que estamos destinados a seguir se não conseguirmos adentrar este dito “universo literário”, aproximando, deste indivíduo a capacidade de, não apenas “sentir” as vibrações advindas da leitura. Mas que ele possa, como já mencionado neste trabalho, como “gustar”; o que aqui vem ser provar, experimentar, saborear, sentir, mas também aprender, conhecer, saber. Nisto Lajolo (1999, p.87) afirma também que a leitura literária pode converter-se numa prática de instauração de significados e ainda transformar o estudo da literatura na investigação e na vivência crítica do percurso social cumprido por seus textos nas leituras.

Para tanto, sendo este o resultado que queremos e acreditando na força maior motivadora da profissão de ensinar é que proponho, a partir desta pesquisa, que possamos nos permitir aprender com as mudanças tecnológicas e aceitar que podem ser elas um novo caminho para a reconstrução educacional. E a música deve ser uma chave para esta porta que se abre com novas perspectivas. Afinal, cantamos em tantas ocasiões para embalar a vida, para despedirmo-nos nas partidas; ela remete a cenas vividas e marca momentos. Se assim o é, porque não cantar para ler, interpretar, comparar, criar, aprender? Julgo, portanto, que música e literatura sejam partes complementares e intrínsecas para este novo jeito de aprender.

## REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth (org.) (1992). Gonçalves Dias. São Paulo: Abril Educação.

BEYER, E. *A abordagem cognitiva em música: uma crítica ao ensino da música, a partir de Piaget*. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.

CHIAPPINI, Ligia. Gramática e Literatura: desencontros e esperanças. In o texto na sala de aula. GERALDI, João Wanderley (org). 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: contexto, 2005.

FREINET, C. As Técnicas Freinet da Escola Moderna. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo. Paz e Terra 2002.

GERALDI, João W. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas. Mercado de Letras.1996.

GOULEMOT, J. M. **Da leitura como produção de sentidos**. In: CHARTIER, R. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

JEADOT, Nicole. Explorando o universo da música. São Paulo: Spicione, 1997

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. Campinas: Papirus, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2º ed. São Paulo: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Leitura e interdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura: Teoria e prática**. 10ª ed. São Paulo: Pontes, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Leitura – Literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução**. In ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro (org.) *Leituras/perspectives interdisciplinares*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. O texto não é pretexto. In **A leitura em crise na escola, as alternativas do professor**. (org.) Zilberman R. Porto Alegre: Mercado Aberto S/d, 2001.

LOUREIRO, Alice Maria Almeida. O ensino da música na Escola Fundamental. Campinas.SP; Papirus.2003.

MORICONI, Ítalo. *Como e porque ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARTINCOWSKI, Terezinha Maia. **A constituição temática de textos infantis : examinando aspectos da relação escritor/leitor** Campinas: 1995. 199 f. BBE.

Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Orientadora: Maria Cecília Rafael de Góes.

NASCIMENTO, Bráulio do, **Estudo de Literatura Oral**. 2006

NERY, José Reinaldo Cardoso. **Orientações técnicas para elaboração de trabalhos acadêmicos** / José Reinaldo Cardoso Nery e Maria Lúcia Teixeira Borges. Macapá: UNIFAP, 2005.

OLIVEIRA, Anelito de. **Sol. Dimensão**; Revista internacional de poesia. Uberaba, n. 27, 1998.

PAULINO, Graça; et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PONSO, Caroline Cao. **Música em diálogo: ações interdisciplinares na educação infantil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

POUND, Ezra. **Abc da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.

PROENÇA, Domínio Filho, **Estilos de Época na Literatura**. 15ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SANTOS, Gisele do Rocio Cordeiro Mugnol; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos**. Curitiba: IBPEX, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler**. Cortez. Editora. 10ª edição. São Paulo. 2005.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. in: ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.

OLIVEIRA, Solange de Ribeiro. **Literatura e Música**. São Paulo. Editora São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003.

VALÉRIO, Rosângela Almeida. **O que é leitura? Texto eletrônico**. Disponível em: <http://www.acordeduca.com.br/mlei/at14-ro56.htm>. Acesso em: outubro de 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo. Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina & Silva, Ezequiel Theodoro. (org). **Leitura/perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1999.

## APÊNDICE

## Apêndice A: Questionário aplicado aos alunos:

Bem-vindo ao meu trabalho de pesquisa sobre “A linguagem midiática no ensino da literatura através da música.”

Obrigada por disponibilizar um pouco do seu tempo para responder a este questionário.

As informações fornecidas serão tratadas com sigilo e conhecidas apenas pela pesquisadora. Ninguém mais terá acesso a estas informações. Quando da divulgação dos resultados, os nomes não serão revelados em hipótese alguma.

Nome \_\_\_\_\_

1) Qual sua idade? A. 15 á 24 anos de idade B. 20 á 30 anos de idade C. 30 ou mais anos de idade	A	B	C	D	E
2) Qual o grau máximo de escolaridade de seus pais? A. Ensino fundamental completo B. Ensino médio incompleto C. Ensino médio completo D. Outros	A	B	C	D	E
3) Você costuma ler regularmente? A. Sim B. Não C. As vezes	A	B	C	D	E
4) O que é literatura para você? A. É o estudo da biografia dos escritores B. É o estudo dos estilos de época da literatura C. É a disciplina que trabalha com produção escrita D. É o estudo da arte escrita em todos os gêneros E. É muito chato. Um pouco de português e história	A	B	C	D	E
5) Como você avalia as aulas de literatura? A. Chatas B. Interessantes C. Normais D. Necessárias	A	B	C	D	E
6) Qual a contribuição desta disciplina para sua vida? A. Desenvolve a leitura B. Ajuda passar no vestibular C. Ajuda a conhecer a nossa história D. Melhora a produção de texto E. Nenhuma das respostas	A	B	C	D	E
7) Qual dos estilos você ler com frequência? A. Jornal B. Revista C. Obra literária D. Livro em geral E. Não leio com frequência	A	B	C	D	E
8) Quantas obras literárias você já leu? A. 1 á 5 B. 5 á 10 C. 10 á 20 D. Mais de 20 E. Nenhuma das respostas	A	B	C	D	E
9) O que é mais valorizado nas suas aulas de literatura? A. Estudo das obras literárias B. Saber reconhecer características de autor ou período C. Relacionar texto com o mundo atual D. Decorar datas e nomes de autores E. Outros	A	B	C	D	E
10) Qual a mídia mais utilizada por você no seu dia a dia? A. Celular B. Televisão C. Rádio / gravador D. Outros	A	B	C	D	E
11) Que contribuições as mídias podem trazer ao seu universo escolar? A. Pesquisa e informação B. Leitura de obras C. Elaboração de trabalhos D. Dinâmicas de trabalhos para apresentação E. Outros	A	B	C	D	E
12) Você gosta de música? A. As vezes	A	B	C	D	E

B. Sempre					
C. Nunca					
<b>13) Que gêneros musicais você costuma ouvir?</b>	A	B	C	D	E
A. Brega					
B. Melody					
C. Rock					
D. Funk					
E. Outros					
<b>14) Você acha possível associar música e literatura?</b>	A	B	C	D	E
A. Sim					
B. Não					
C. Não sei					
<b>15) Que recursos midiáticos você gostaria que fossem explorados em suas aulas de literatura?</b>	A	B	C	D	E
A. Filme					
B. Música					
C. Livros					
D. Teatro					

**Apêndice B:** Questionário aplicado aos professores

1- Grau de instrução:

- ( ) Ensino Médio
- ( ) Ensino Superior Incompleto
- ( ) Ensino Superior Completo
- ( ) Pós-graduação Incompleta
- ( ) Pós-graduação Completa
- ( ) Mestrado
- ( ) Doutorado
- ( ) Outros

2- O que significa ler para você?

3- O que significa literatura para você?

4- O que significa leitura literária para você?

5- Que metodologia você utiliza para ministrar suas aulas de literatura?

6- Qual sua opinião sobre abordagens dos livros didáticos (Ensino Médio) referentes ao ensino de literatura?

7- Em suas aulas como você utiliza os livros didáticos?

8- Como você trabalha a leitura literária com seus alunos?

9- Alguns educandos demonstram aversão pelas aulas de literatura. Você percebe isso em suas aulas? Em sua opinião o que causa essa aversão?

10- que recursos midiáticos você utiliza para subsidiar suas aulas?

11- você costuma apresentar músicas para integrar suas aulas?

12- você acha que é possível associar músicas para apresentar a literatura?

13- Como seria uma aula de literatura ideal para você?

14- você conhece músicas cujas letras referenciem conteúdos da literatura? Cite algumas.

15- Qual sua maior dificuldade no ensino desta disciplina?

16- Como seria uma aula de literatura ideal para você?

ANEXOS

## ANEXO A: Músicas usadas

### Primeira música

#### Eterno Aprendiz (Gonzaguinha)

Eu fico  
Com a pureza  
Da resposta das crianças  
É a vida, é bonita  
E é bonita...

Viver!  
E não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser  
Um eterno aprendiz...

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser  
Bem melhor e será  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita...

Viver!  
E não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser  
Um eterno aprendiz...

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser  
Bem melhor e será  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita...

E a vida!  
E a vida o que é?  
Diga lá, meu irmão  
Ela é a batida  
De um coração  
Ela é uma doce ilusão  
Hê! Hê!...

Mas e a vida  
Ela é maravilha  
Ou é sofrimento?

Ela é alegria  
Ou lamento?  
O que é? O que é?  
Meu irmão...

Há quem fale  
Que a vida da gente  
É um nada no mundo  
É uma gota é um tempo  
Que nem dá um segundo...

Há quem fale  
Que é um divino  
Mistério profundo  
É o sopro do criador  
Numa atitude repleta de amor...

Você diz que é luta e prazer  
Ele diz que a vida e viver  
Ela diz que melhor é morrer  
Pois amada não é  
E o verbo é sofrer...

Eu só sei que confio na moça  
E na moça eu ponho a força da fé  
Somos nós que fazemos a vida  
Como der ou puder ou quiser...

Sempre desejada  
Por mais que esteja errada  
Ninguém quer a morte  
Só saúde e sorte...

E a pergunta roda  
E a cabeça agita  
Fico com a pureza  
Da resposta das crianças  
É a vida, é bonita  
E é bonita...

Viver!  
E não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser  
Um eterno aprendiz...

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei

Que a vida devia ser  
Bem melhor e será  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita...

Viver!  
E não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser  
Um eterno aprendiz...

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser  
Bem melhor e será  
Mas isso não impede

Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita...

Viver!  
E não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser  
Um eterno aprendiz...

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser  
Bem melhor e será  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita...

## Segunda música

Desenredo (Gonzaguinha)

No dia em que o jovem **Cabral** chegou por aqui, ô ô,  
Conforme diversos anúncios na televisão  
Havia um coro afinado da **tribo tupi**  
Formado na beira do cais cantando em inglês  
**Caminha** saltou do avião assoprando um apito em free bemol  
Atrás vinha o resto empolgado da tripulação  
Usando as **tamancas no acerto da marcação**  
Tomando garrafas inteiras de vinho escocês  
Partiram num porre infernal por dentro das matas, ô ô  
Ao som de pandeiros chocalhos e acordeão  
Tamoios, Tupis, Tupiniquins, acarajés ou Carijós (sei lá quem mais...)

Chegaram e foram formando aquele **imenso cordão**, meu Deus quibão  
E então de repente invadiram a Avenida Central, mas que legal  
E meu povo, **vestido de tanga** adentrou ao coral  
Um velho cacique dos pampas sacou do piston  
E deu como aberto, em decreto mais um **carnaval**  
E assim, a **Vinte e Dois daquele mês de Abril**  
Fundaram a Escola de Samba Unidos do **Pau-Brasil**

### Terceira música

O Navio Negreiro (Caetano Veloso)

'Stamos em pleno mar  
Era um sonho dantesco... o tombadilho,  
Que das luzernas avermelha o brilho,  
Em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... estalar do açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães:  
Outras, moças... mas nuas, espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais...  
Se o velho arqueja... se no chão resvala,

Ouvem-se gritos... o chicote estala.

E voam mais e mais...  
Presas dos elos de uma só cadeia,  
A multidão faminta cambaleia  
E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece...  
Outro, que de martírios embrutece,  
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra  
E após, fitando o céu que se desdobra  
Tão puro sobre o mar,

Diz do fumo entre os densos nevoeiros:  
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!  
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais!  
Qual num sonho dantesco as sombras voam...  
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!  
E ri-se Satanaz!...  
Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se é loucura... se é verdade  
Tanto horror perante os céus...

Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noite! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados  
Que não encontram em vós  
Mais que o rir calmo da turba  
Que excita a fúria do algóz?  
Quem são?... Se a estrela se cala,  
Se a vaga à pressa resvala  
Como um cúmplice fugaz,  
Perante a noite confusa...  
Dize-o tu, severa musa,  
Musa libérrima, audaz!

São os filhos do deserto  
Onde a terra esposa a luz.  
Onde voa em campo aberto  
A tribo dos homens nus...

São os guerreiros ousados,  
Que com os tigres mosqueados  
Combatem na solidão...  
Homens simples, fortes, bravos...  
Hoje míseros escravos  
Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas  
Como Agar o foi também,  
Que sedentas, alquebradas,  
De longe... bem longe vêm...  
Trazendo com túbios passos  
Filhos e algemas nos braços,  
N'alma lágrimas e fel.  
Como Agar sofrendo tanto  
Que nem o leite do pranto  
Têm que dar para Ismael...

Lá nas areias infindas,  
Das palmeiras no país,  
Nasceram crianças lindas,  
Viveram moças gentis...  
Passa um dia a caravana  
Quando a virgem na cabana  
Cisma das noites nos véus...  
...Adeus! ó choça do monte!...  
...Adeus! palmeiras da fonte!...  
...Adeus! amores... adeus!...

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se eu deliro... ou se é verdade

Tanto horror perante os céus...  
Ó mar, por que não apagas

Co'a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?  
Astros! noite! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!...

E existe um povo que a bandeira empresta  
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...  
E deixa-a transformar-se nessa festa  
Em manto impuro de bacante fria!...  
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é  
esta,  
Que impudente na gávea tripudia?!...  
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto  
Que o pavilhão se lave no seu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que a luz do sol encerra,  
E as promessas divinas da esperança...  
Tu, que da liberdade após a guerra,  
Foste hasteado dos heróis na lança,  
Antes te houvessem roto na batalha,  
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
Extingue nesta hora o brigue imundo  
O trilho que Colombo abriu na vaga,  
Como um íris no pélagos profundo!...  
...Mas é infâmia demais...  
Da etérea plaga  
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...  
Andrada! arranca este pendão dos ares!  
Colombo! fecha a porta de teus mares!

#### Quarta música

Jorge Amado – Axé Brasil

Sob os olhos graciosos de Oxalá  
Desce a Serrinha  
Esquenta o país do Carnaval  
É muita pimenta, dendê e cacau  
Você sabe que tem festa, meu amor  
Lá na Tenda dos Milagres  
Vem que eu vou, eu vou (bis)  
Jubiabá tá no portão  
E as laôs jogam pitangas pelo chão  
Com os pastores da noite  
Vem gente lá da Serra do Sem-Fim  
( pode crer que dá pra mim)  
Oriundo lá das matas de Oxossi e Ossain  
O famoso Valentim  
E ao som dos Atabaques  
Rola o suor dos Ogans  
Olha que papo maneiro  
Entre os velhos marinheiros  
E os novo capitães  
Vem gente que sofreu demais  
Lá do sertão e da beira do cais (é doce ...)

É doce morrer no mar  
Nos braços de Yemanjá (bis)  
Teresa Batista cansada de guerra

No samba de roda esquece as mágoas

Tiêta se beber faz graça  
Quincas Berro D'água agitando a massa  
( põe tempero Gabriela ...)  
Põe tempero na panela Gabriela  
Mexe, mexe com amor  
Cozinha com o teu calor  
Bota logo o vatapá na tigela  
Quem mandou foi Dona Flor  
É gente que chega  
E tem gente pra chegar, ô  
Ekchêupa ba bá  
Ekchêupa ba bá (bis)  
Axé Brasil  
Pai Amado sarava, sarava.

(Aluísio Machado)

## **ANEXO B: Relatos de experiências**

### Relato 1:

Normalmente temos que tentar inovar o tempo todo ao tratar de Literatura. Ela trabalha com alguns dos temores que acometem grande parte dos estudantes: a leitura e a produção textual. Afinal, o discurso é antigo: “quem não lê não tem sobre o que escrever”. Portanto, a justificativa para o repúdio é simples.

Em sala de aula, temos os mais graves casos da falta de comprometimento que vem desde o contexto familiar ao escolar. Famílias que nunca atentaram para a iniciação à leitura, que deve sim, ao meu ver, iniciar em casa, e ainda, colegas professores que acham que educação se faz em blocos e cada um cuida do seu e, normalmente acha que a preocupação com o incentivo ou mesmo cobrança de leituras, deva ser função única do educador de Língua Portuguesa.

(Joana S. S.)

### Relato2:

Quando assumi a disciplina Literatura fiquei assustada com a rejeição por esta disciplina. Ali se encontram associadas duas matérias que normalmente são detestadas: Português e História. E a Literatura é como se estivesse bem no centro das duas.

Por este motivo sempre busco um trabalho que ensine e distraia, ou ao menos, ensine e não canse tanto, usando assim a mídia, a meu favor, faço uso de filmes para ilustrar as teorias e músicas que contextualizem os períodos, que focalizem estruturas, etc.

Sei que a Literatura poderia ser mais aprazível aos olhos dos alunos se a atual realidade escolar não fosse tão voltada para os vestibulares. Hoje, o programa de ensino exige que voltemos os esforços para as teorias que serão cobradas nas tantas provas que surgiram para medir o grau de “conhecimento” escolar e entre elas a busca pela sonhada faculdade.

Isto posto, prima-se pela massificação dos conteúdos que mais cansam que ensinam. Assim, o trabalho comumente fica relegado à teorização e memorização. Claro que isto não justifica a falta de qualidade do trabalho, mas creio que contribui para que poucas modificações no que se deve priorizar ocorram.

Outra “desfeita” com a disciplina fora a fusão Português/Literatura como disciplina única. Registro que ambas tenham total ligação e possibilidades de trabalho conjunto, mas o que parece é que não foi nesta qualidade de trabalho que se pensou, pois houve a fusão em matéria, mas a subtração em quantitativo de aulas também ocorreu. Ora, é como se novamente não se julgasse primordial sua aplicação. E nós sabemos quanto esta aula perdida nos pesa hoje.

Enfim, caminho acreditando que possamos um dia ter uma sociedade que prima pela essência do saber. E para isto precisarão antes entender que essa sede somente se fará saciada através da leitura. Não conheço outro caminho.

(Marina B.)

Meu relato participante:

Já dizia Lutero que “A música tem tanta relação com a formação do caráter, que é necessário ensiná-la às crianças”. Assim penso serem as relações aqui propostas, a de ousar e acreditar que em qualquer disciplina, vale à pena ousar e querer ensinar sempre com muita responsabilidade e buscando a formação completa do cidadão.

Toda proposta de ensino de língua está vinculado à concepção de linguagem e é esta, que consciente ou inconscientemente determina as formas de acesso ao conhecimento, bem como os meios que orientam essa busca.

Para tanto, todo educador, seja na área que for, faz uso dos mecanismos de linguagem, logo deve ser também um bom conhecedor dos aspectos que a permeiam e igualmente ao professor de Língua Portuguesa, deve fomentar atividades que explorem o modo de pensar e participar da realidade.

Neste sentido, formar leitores e autores hoje é mais abrangente que o simples fazer decodificar (ler) ou redigir para mera correção ortográfica. Ambas as práticas são atividades que se estabelecem nas relações sociais concretas e diversas. Significa que pela linguagem os homens se comunicam em objetivos infintos que vão desde um simples recado informal até a manipulação persuasiva que tanto impera socialmente.

Desta feita, a noção de gênero textual toma nova forma e se mostra intrinsecamente ligada ao contexto sociocultural atual, podendo-se dizer que pela linguagem e seu amplo conhecimento - inclui-se nisto a habilidade com gênero textual - o sujeito se identifica, defende valores, reconhece e refaz a sua história.

Explorar a diversidade do gênero textual justifica-se, portanto, em suas diversas possibilidades e no motivo de busca deste ou daquele gênero que vai desde a busca de informações, fruição ou catarse.

Como disse Latino Coelho, ***“de todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é sem dúvida a arte da palavra. De todas as mais se entretete e se decompõe. São as outras como anciãs e ministras: ela soberana e universal...”***

Se assim o é, então sejamos colaboradores desta arte ou destas artes, não importa, mas sim o aproveitamento que dela e para ela se faz e quero garantir que a Literatura e todo o aparato que a rodeia (leitura, produção, interpretação...), podem ser grandes transformadoras de um fazer mais consistente e formador dos novos intelectuais. Relembrando Keller Hellen, ***“Jamais alguém concordará em rastejar se sentir impulso para voar”***. (Grifo meu). Assim precisamos propor e fomentar tal sede de novos rumos aos que de nós dependem para este alçar inicial.

(Macioni Benjamin do Carmo)